



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CLAUDILENE FÁTIMA DE SOUSA SILVA

**AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA NA ESCOLA DE
DIVINÓPOLIS, MUNICÍPIO DE RURÓPOLIS-PA**

ITAITUBA/PA

2017

CLAUDILENE FÁTIMA DE SOUSA SILVA

**AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA NA ESCOLA DE
DIVINÓPOLIS, MUNICÍPIO DE RURÓPOLIS-PA**

Monografia de Graduação do Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia apresentada à Faculdade de
Itaituba para obtenção do título de Licenciada Plena
em Pedagogia.

Orientadora:

Prof^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Esp.

ITAITUBA/PA

2017

SILVA, Claudilene Fátima e Sousa.

As Questões Étnico-Raciais na Escola na Escola de Divinópolis, Município de Rurópolis-PA / Cláudilene Fátima e Sousa Silva – Itaituba: CLPP da FAI, 2017.

67 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2017.

Orientadora: Profª Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Esp.

1. As Questões Étnico-Raciais na Escola na Escola de Divinópolis, Município de Rurópolis-PA.

CLAUDILENE FÁTIMA DE SOUSA SILVA

**AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA NA ESCOLA DE
DIVINÓPOLIS, MUNICÍPIO DE RURÓPOLIS-PA**

Monografia de Graduação apresentada ao
Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Itaituba,
para obtenção do título de Licenciada Plena em
Pedagogia, sob a orientação da Profª Esp. Elina
Renilde de Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Profº Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva

Orientadora: _____ Nota: _____

Profª Esp. Elina Renilde de Oliveira Ribeiro

Avaliador: _____ Nota: _____

Profª Esp. Antônia Vanda Santos Leite

Resultado: _____ Média: _____

Data: 19 de Agosto de 2017.

Para minha querida mãe, Maria de Fátima Silva Sousa e meu esposo, José Augusto Viana da Silva. Fontes de meu eterno aprendizado por serem o pilar que me fortaleceu nos momentos difíceis, em mais um passo de minha caminhada. Dedico-lhes essa conquista com muita gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante essa caminhada para que pudesse alcançar de degraus em degraus os meus objetivos na formação profissional.

A minha família agradeço de forma especial, que me deram forças e coragem me apoiando nos momentos de dificuldades.

A minha mãe, Maria de Fátima, que sempre me apoiou nas horas mais difíceis da minha vida e me incentivou a estudar e superar os desafios da vida de estudos.

Ao meu esposo, José Augusto, sempre companheiro o qual nunca me desamparou e sim foi um grande guerreiro juntamente comigo nesta batalha, obrigado por apoiar minhas decisões.

Aos meus irmãos e irmãs, principalmente minhas manas, Ruthe e Sunamita que sempre tiveram ao meu lado me apoiando para que pudéssemos comemorar esse momento tão importante em minha vida.

A todos os meus colegas de sala, sem deixar de lado ao meu amigo Renato Borgges e sua esposa Helijardania os quais enfrentaram junto a mim todas minhas dificuldades durante esta carreira de minha vida como acadêmica.

A professora Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, que de maneira especial me orientou durante a elaboração desse trabalho, que confiou em minha pessoa dando forças para enfrentar os desafios constantes durante todo este trabalho.

Aos colegas de turma pelo prazer de conhecê-los, pelo respeito e a amizade que fizemos no decorrer de todos esses anos.

A todos os colaboradores dessa pesquisa e professores da Escola Municipal Divinópolis Município de Rurópolis-PA.

Raça, etnia e cor são categorias por demais importantes dentro de nossa cultura – o Brasil, o país da mistura, representado como aquarela, é, também, o país do preconceito racial velado – pois é por meio delas que as identificações são produzidas. Preto, branco, mulato, cafuzo, caboclo, índio, sarará ou chegadoinho não são meros índices de cor, são formas de identificação e de assunção de um lugar social diferenciado e diferenciante (se nos permitem o neologismo). Problematicar tais categorias no universo escolar significa discuti-las no momento mesmo em que são formuladas por uma parcela importante da população em uma etapa crucial de suas vidas – preconceitos, como se sabe, não são inatos. (COELHO, 2010:18).

SILVA, Claudilene Fátima e Sousa. As Questões Étnico-Raciais na Escola na Escola de Divinópolis, Município de Rurópolis-PA. Monografia do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Itaituba - CLPP da FAI, Itaituba-PA. 2017.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve por objetivo analisar a prática educativa nas questões étnico-raciais dos sujeitos no ambiente escolar de modo a observar a forma de abordagem da temática e os desafios enfrentados para a superação de práticas racistas e discriminatórias na escola. Para a elaboração deste trabalho foi feito um levantamento bibliográfico com autores que fundamentam a temática, como: LUCIANO (2006), VETILLO (2009), SILVA (2008), SILVA (2015a), SILVA (2015b), SILVA FILHO (2004) e OLIVEIRA e FREIRE (2006), entre outros. Realizou-se uma pesquisa de campo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Divinópolis, localizada na comunidade de Divinópolis. Foram ouvidos alguns membros da comunidade escolar no total de sete servidores por meio de questionário com a finalidade de entender como a escola media as relações de diferenças para proporcionar uma educação democrática, identificando se a escola realiza ações que sensibilize a questão racial entre os sujeitos. Com base nas análises dos dados pode-se compreender que, ocorrem práticas preconceituosas e discriminatórias no interior das escolas, por mais que o preconceito racial aconteça em pouca escala para os entrevistados, ele está presente, de forma sucinta. Observou-se ainda que a trajetória histórica da nação negra somente é lembrada quando das comemorações cívicas, comemorativas ou religiosas. Quanto ao trabalho escolar, os entrevistados possuem a mesma visão da prática docente, em que todos têm a prática de tratar da questão racial em determinadas etapas do ano letivo. Não existe um trabalho coletivo sobre a questão racial com a participação de todos, inclusive da direção e dos funcionários.

PALAVRAS-CHAVES: Racismo. Preconceito. Discriminação. Escola de Ensino Fundamental.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Algumas práticas consideradas racistas na escola.....	54
Quadro 2. Sua atitude perante o racismo.....	55

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Existe preconceito na sociedade brasileira?.....	50
Gráfico 2. Sofreu algum preconceito racial?.....	51
Gráfico 3. Presenciou alguma atitude racista?.....	52
Gráfico 4. Ocorre o preconceito e a discriminação racial nesta escola?.....	53
Gráfico 5. Quando é estudada a história do negro na escola?.....	57
Gráfico 6. Ações da escola para aceitação da diversidade étnica.....	58

SUMÁRIO

RESUMO

LISTA DE GRÁFICOS

LISTA DE QUADROS

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
1 FORMAÇÃO ÉTNICO-CULTURAL E A DIVERSIDADE BRASILEIRA.....	12
1.1 O INDÍGENA E A COLONIZAÇÃO EUROPÉIA.....	12
1.2 A CHEGADA DE IMIGRANTES NO BRASIL.....	16
1.2.1 O Negro Africano e sua herança.....	16
1.2.2 A diversidade de imigrantes no Brasil.....	20
1.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEGISLAÇÃO.....	25
2 A DISCRIMINAÇÃO RACIAL E EDUCAÇÃO.....	30
2.1 RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO ÉTNICO-CULTURAL.....	30
2.2 A QUESTÃO RACIAL NA ESCOLA.....	36
a. A DISCRIMINAÇÃO E O PRECONCEITO NO COTIDIANO ESCOLAR.....	42
3 AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA DE DIVINÓPOLIS, MUNICÍPIO DE RURÓPOLIS-PA.....	47
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	47
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	47
3.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA.....	54
3.4 CONCEPÇÕES DA COMUNIDADE ESCOLAR ACERCA DAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
BIBLIOGRAFIA.....	63
APÊNDICES	65

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Acredita-se que práticas racistas, discriminatórias e preconceituosas continuam presentes no cotidiano da sociedade brasileira, e mais especificamente, no ambiente escolar. No Brasil, apesar das legislações que impõem punições à prática racistas, ainda se encontra indivíduos que tem uma postura desrespeitosa com seu próximo, desconsiderando a diversidade. Cabe ressaltar que, o preconceito muitas vezes pode surgir na própria família, sendo que o local mais indicado para esclarecer e combater essa prática é sem dúvida o ambiente escolar em parcerias com outros órgãos.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar a prática educativa nas questões étnico-raciais dos sujeitos no ambiente escolar de modo a observar a forma de abordagem da temática e os desafios enfrentados para a superação de práticas racistas e discriminatórias na escola. Para melhor compreensão da temática foram levantados os seguintes questionamentos: Ocorrem práticas preconceituosas e discriminatórias no interior das escolas? O currículo desenvolvido nas escolas trata das questões étnico-raciais? Qual tem sido a postura dos professores e demais servidores da escola frente as atitudes de racismo?

Para a elaboração deste trabalho foi feito um levantamento bibliográfico com autores que fundamentam a temática, como: LUCIANO (2006), VETILLO (2009), SILVA (2008), SILVA (2015a), SILVA (2015b), SILVA FILHO (2004) e OLIVEIRA e FREIRE (2006), entre outros. Realizou-se uma pesquisa de campo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Divinópolis Km 70, localizada na comunidade de Divinópolis, próximo ao km 70, no trecho de Itaituba-Rurópolis, estado do Pará. No período de maio a junho de 2017 foram ouvidos alguns membros da comunidade escolar no total de sete servidores (apoio, administrativo, professores e gestor) por meio de questionário com 11 (onze) perguntas direcionadas aos mesmos.

Este trabalho está estruturado em três capítulos onde o primeiro trata sobre a formação étnico-cultural e a diversidade brasileira, o indígena e a colonização europeia, a chegada de imigrantes no Brasil, o negro africano e sua herança, a diversidade de imigrantes no Brasil e considerações sobre a legislação que fala sobre a temática.

Em seguida o segundo capítulo vem tratando sobre a discriminação racial e educação, preconceito e discriminação étnico-cultural, a questão racial na escola, a

discriminação e o preconceito no cotidiano escolar. Por fim, no terceiro capítulo traz a pesquisa de campo onde descreve como as questões étnico-raciais são tratadas no âmbito escolar.

1 FORMAÇÃO ETNICO-CULTURAL E A DIVERSIDADE BRASILEIRA

1.1 O INDÍGENA E A COLONIZAÇÃO EUROPÉIA

Os índios hoje representam no Brasil, uma grande diversidade de povos que viviam e vivem conservando suas culturas e costumes, onde são passadas de geração para geração. As Nações Unidas de 1986 definem os indígenas como habitantes originários das terras conhecidas na atualidade como continente americano. São povos que já habitavam há milhares de anos essas terras, muito antes da invasão europeia.

As comunidades, os povos e as nações indígenas são aqueles que, contando com uma continuidade histórica das sociedades anteriores à invasão e à colonização que foi desenvolvida em seus territórios, consideram a si mesmos distintos de outros setores da sociedade, e estão decididos a conservar, a desenvolver e a transmitir às gerações futuras seus territórios ancestrais e sua identidade étnica, como base de sua existência continuada como povos, em conformidade com seus próprios padrões culturais, as instituições sociais e os sistemas jurídicos. (LUCIANO, 2006: 26).

Neste sentido, os indígenas independentemente de sua tribo ou região, procuram sempre conservar suas histórias e identidade. Portanto, apesar dos brancos estarem desde o início do descobrimento do Brasil tentando fazê-los esquecer e mudar de comportamento, os índios lutam contra esta transformação, pois acreditam que seus conhecimentos e cultura é de suma importância para seus descendentes.

Para VETILLO (2009:03) os portugueses tentaram mudar primeiramente a cultura indígena, pois durante muitos anos, logo após o descobrimento do Brasil, os portugueses escravizaram os índios, de início, e, mais tarde, trouxeram negros da África. No período colonial, o Brasil estava em processo de crescimento populacional, pois, a cada dia chegavam navios com pessoal oriundo de Portugal.

Nesta época, eles tentaram fazer dos índios seus escravos, porém, como os indígenas não se adaptaram aos serviços impostos pelos portugueses, e como o autor relata, os nativos conseguiam fugir facilmente pelas matas, pois ali era seu ambiente onde eles habitavam e não tinham que obedecer aquelas pessoas. Com isso, os nativos para não serem mortos os mesmos fugiam, outros enfrentavam, não

aceitando a perda de seus territórios e nem escravização e acabavam exterminados. Os portugueses tentaram de várias maneiras escravizá-los, mais não conseguiram. Segundo VETILLO (2009:04), a tentativa de escravização dos indígenas foi muito difícil para os portugueses porque o índio, além de enfrentá-los ferozmente, conhecia o território e conseguia fugir mais rápido.

Fala-se bastante em descobrimento do Brasil e da colonização do mesmo, mas ignoram que aqui já havia moradores, que o país não precisava ou necessitava de ser descoberto por outros, pois o mesmo era habitado por nativos locais que são os indígenas. Sendo assim, os habitantes que ali moravam distribuídos por todo o território brasileiro são os que verdadeiramente descobriram essas terras, mas não se tem registros de quando foi que aconteceu e quantos indígenas viviam, pois desde aquelas épocas já se tinha uma diversidade enorme de tribos.

Muitos historiadores não atentam por esse lado, como se os indígenas não fosse gente, que antes dos portugueses não havia seres humanos habitantes deste local. Contudo, OLIVEIRA e FREIRE (2006:19), criticam essa atitude:

Para os membros de coletividades e grupos sociais que sofreram com a discriminação e o preconceito, sendo ignorados pela história oficial e colocados sempre em posição subalterna pelas interpretações e ideologias dominantes, o conhecimento é uma aventura fascinante e libertadora, uma estrada aberta para o passado e também para o presente.

Os autores chamam a atenção para que se possa de fato conhecer a história do Brasil, e tirar da imaginação que os portugueses que descobriram o Brasil, e sim que antes dos mesmos chegarem em seus grandes navios, aqui já existiam grandes populações de tribos indígenas que são pessoas apenas de costumes e crenças diferentes.

Neste sentido, o reconhecimento dos povos indígenas é uma forma de amenizar o que os historiadores e povos dos antepassados ignoraram, pois os imigrantes que aqui chegaram foram os “intrusos”, chamados por muitos de conquistadores de terra, que na verdade tomavam e matavam os nativos deliberadamente para a conquista de território, fazendo com que os indígenas fugissem de seus locais, pois os mesmos só utilizavam armas que eles produziam. O reconhecimento da cidadania indígena brasileira e, conseqüentemente, a valorização das culturas indígenas possibilitaram uma nova consciência étnica dos povos indígenas do Brasil. Ser índio simboliza sua identidade original.

Ser índio passou de uma generalidade social para uma expressão sociocultural importante do país. Ser índio não está mais associado a um estágio de vida, mas à qualidade, à riqueza e à espiritualidade de vida. Ser tratado como sujeito de direito na sociedade é um marco na história indígena brasileira, propulsor de muitas conquistas políticas, culturais, econômicas e sociais. (LUCIANO, 2006: 38, 39).

Em decorrência dessa falta de reconhecimento e distorção da história do descobrimento do Brasil, os portugueses ao ver que os índios não se adaptaram e não obedeciam as ordens que lhes eram dadas, passaram a chamar os nativos de várias formas, uma das mais comuns eram selvagens, assim como os animais. Também se relata que os mesmos eram vistos como preguiçosos. A dificuldade dos portugueses em controlar alguns grupos indígenas contribuiu para identificar os índios mais hostis como “Tapuios”.

Tal identidade ocultava as iniciativas indígenas, os processos socioculturais intertribais de aliança ou conflito com colonizadores. Há várias estimativas sobre o montante da população indígena à época da conquista, tendo cada autor adotado um método próprio de cálculo (área ocupada por aldeia, densidade da população etc.). (OLIVEIRA e FREIRE, 2006: 22).

A população indígena sofreu inúmeras agressões e principalmente doenças. Com a vinda dos imigrantes para o Brasil, trouxeram várias doenças que aqui nunca tinham visto, doenças que na época não tinham cura ou remédio para controlá-las. Com isso, os nativos se tornaram vulneráveis, e houve neste tempo uma grande massa de mortes de indígenas. “A depopulação sofrida pelas populações indígenas através de guerras de conquista, extermínio e escravização, além do contágio de doenças, como a varíola, o sarampo e a tuberculose” (IBIDEM: 23), promoveu uma diminuição populacional em todas as regiões que habitavam os nativos, pois além das doenças que levavam até a morte, também morriam muitos devidos os conflitos com os imigrantes por causa de terras, e extermínio dos mesmos.

Nesse período colonial, o Brasil já estava com muitos imigrantes trazidos de vários locais do planeta que conseqüentemente trouxeram as doenças também. Abaixo um trecho da narrativa do padre José de Anchieta sobre a situação de mortalidade devido a epidemia de doenças.

No mesmo ano de 1562, por justos juízos de Deus, sobreveio uma grande doença aos índios e escravos dos portugueses, e com isto grande fome, em que morreu muita gente, e dos que ficavam vivos muitos se vendiam e se iam meter por casa dos portugueses a se fazer escravos, vendendo-se por um prato de farinha, e outros diziam, que lhes pusessem ferretes, que

queriam ser escravos: foi tão grande a morte que deu neste gentio, que se dizia, que entre escravos e índios forros morreriam 30.000 no espaço de 2 ou 3 meses (ANCHIETA, 1933 *apud* OLIVEIRA e FREIRE, 2006:24).

Seguindo esta linha de raciocínio, as doenças fizeram com que a população indígena diminuísse, e com isso, os índios passaram a temer por suas vidas e de seus familiares e se entregaram a uma vida de escravidão, pois além das doenças, os indígenas estavam passando fome naquele local que era rico de frutas e animais, mais com o crescimento populacional dos imigrantes a comida que antes era fácil e farta já estava escassa cada vez mais. Então como cita os autores eles trocaram sua liberdade pela sobrevivência.

Consequentemente devido à chegada dos portugueses ao Brasil, os índios tiveram uma modificação no seu ambiente de moradia, e isso influenciou também na sua cultura ou modo de viver, como por exemplo, na sua religião. Alguns historiadores falam que os portugueses tentaram catequisar os nativos, e foram através de seus filhos que conseguiram, mesmo que pouco, mas já influenciou na sua cultura religiosa. Desde a chegada dos portugueses e outros europeus que por aqui se instalaram, “os habitantes nativos foram alvo de diferentes percepções e julgamentos quanto às características, aos comportamentos, às capacidades e à natureza biológica e espiritual que lhes são próprias”. (LUCIANO, 2006: 34). Essa tentativa de modificar os comportamentos dos índios, foram devido os maus olhos dos portugueses e outros imigrantes que já estavam instalados no país, pois, os indígenas costumavam andar nus, de somente casçar, pescar e coletar frutas, com isso eram vistos como animais selvagens ou até mesmo desocupados.

Estes comentários e relatórios preconceituosos com os indígenas se instala até nos dias atuais, na própria população brasileira descendentes dos mesmos, onde tem essa visão distorcida e desprezível em relação aos nativos, pois os mesmos foram vítimas de maus tratos e usurpados de seus locais de moradias. Todavia, quando chegaram ao Brasil, os portugueses tiveram uma visão harmoniosa dos indígenas, onde falavam que eram gentis e inocentes, como cita a carta enviada ao Rei D. Manuel quando foram descobertas essas terras, Segundo CAMINHA (1999) *apud* OLIVEIRA e FREIRE (2006:26):

Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos [...] se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo

a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual preza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar. E pois Nosso Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa.

Em relação aos índios, os portugueses logo ao chegar ao Brasil, diziam que eles eram pessoas simples que certamente seriam fáceis de ser manipuladas, ou seja, que certamente elas seriam religiosas assim como eles, e que poderiam aprender seus costumes e crenças. Porém com o passar dos dias, viram que essa realidade não era a que esperavam, e somente depois das doenças trazidas pelos imigrantes vindo de outros países que alguns índios se renderam e passaram a conviver com portugueses, escravos africanos que ali já tinham nesta época e europeus.

A partir deste convívio que iniciou uma mistura de etnias, religião e costumes entre os habitantes que se estalaram no Brasil. Muitos índios viviam como escravos juntamente com os negros trazidos da África, e com o tempo passaram a ter filhos das misturas dessas etnias, assim com os brancos vindos de outros países também. Os índios que conseguiram fugir da região que já estava habitada pelos conquistadores, foram para outra localidade distante e passaram a promover sua cultura, através de crenças, danças e costumes até nos dias atuais, porém, os que ficaram para serem escravos, com o tempo foram perdendo sua essência e seus descendentes hoje são bem miscigenados em toda a sua estrutura cultural, pois existem em todo o território brasileiro descendentes indígenas e filhos de negros e brancos, fazendo uma mistura de características que se modifica da originalidade dos nativos daquela época.

1.2 A CHEGADA DE IMIGRANTES NO BRASIL

1.2.1 O Negro Africano e sua herança

Hoje a população negra ou afrodescendente no Brasil é muito grande, devido a grande migração de negros vindo da África desde os tempos coloniais, até nos dias atuais. O mercado negreiro já existia antes bem mesmo da vinda dos portugueses para o Brasil, os africanos já sofriam essa triste realidade. Segundo SANTIAGO, CERQUEIRA e PONTES (2010:61), a escravidão já existia na África

bem antes do século XV. “Prisioneiros de guerra traziam mulheres e crianças sequestradas, criminosos e pessoas endividadas ou vítimas da miséria e, portanto, incapazes de prover o próprio sustento”, desse modo, tinham como destino a escravidão. Em meados do século XVI, os africanos chegavam ao Brasil de forma sub-humana, devido seu transporte ser precário, além disso, os negros passavam fome e sede no decorrer dessa viagem.

Os mesmos eram trazidos para trabalhar na retirada do pau-brasil, onde era na época principal fonte de renda dos portugueses, mais tarde para a exploração do ouro, e lavoura como o açúcar e o café. Os portugueses começaram a trazer negros africanos a partir de 1559. “Os negros eram transportados em navios [...] negreiros. Eram jogados nos porões, amontoados, com direito a meio litro de água e uma mistura de farinha com água para a travessia do oceano Atlântico”. (VETILLO, 2009:03). Devido a não adaptação dos indígenas no trabalho braçal pesado, os portugueses precisaram investir em outros, e os africanos foram os escolhidos para essa má sorte. O autor ainda relata que os negros morriam devido ao calor que era nestes porões e doenças que os mesmos contraíam devido ser um lugar sujo e apertado.

Nesse contexto, os africanos quando chegavam ao litoral brasileiro, muitos deles conseguiam fugir, então os portugueses deixavam os mesmos passar fome e sede, para que chegassem debilitados e não conseguissem fugir rapidamente, e caso tentasse seria rapidamente capturados. Os escravos que conseguiam fugir formava uma comunidade ou local onde viviam os refugiados no qual eram chamados de quilombos, e a cada ano, crescia essas comunidades quilombolas em todo o território brasileiro.

A sociedade naquela época estava dividida entre escravos e livres, brancos ou negros, ou seja, existiam escravos africanos e indígenas, e os livres eram os imigrantes e os fugitivos da colonização. Já os considerados brancos eram todos os que vieram de outros países que não fosse os da África, no qual eram os negros. Para obter essa sociedade em perfeita ordem como acreditavam os portugueses, a violência, a apreensão e castigo eram meios para segurá-los de uma revolta.

A violência foi o meio mais eficaz para manter a ordem nas colônias portuguesas. O castigo impelia a pessoa escravizada ao trabalho. Não devia ser muito cruel – para não despertar revoltas, matar ou incapacitar-nem brando demais para não incentivar a desobediência. Aos colonos, a

obediência à metrópole era imposta por meio de vários mecanismos: legislação, punição, obrigações. (SANTIAGO, CERQUETA e PONTES, 2010: 83).

Para manter os escravos em ordem e obediência, os portugueses usavam a violência e castigo para aqueles que demonstrassem rejeição aos mandados. Com isso, os escravos, a cada dia se revoltavam e sempre procuravam meios de fugas com o sonho de liberdade, foram formando muitas comunidades quilombolas, onde podiam ser livres, não mais se reprimindo aos caprichos da elite daquela época.

Os colonos também sofreram repressão dos portugueses, pois através de sua autoridade abusiva como cobrança de impostos, os mesmos foram também fugindo e formando comunidades quilombolas juntamente com os escravos. Os colonos cansados de tantas injúrias pelo domínio colonial procuravam meios para derrotá-los.

Nesse sentido, os negros, os colonos e índios já estavam lutando pelos mesmos ideais, onde em algumas comunidades já havia convívio entre essas pessoas, e conseqüentemente houve nesta época uma mistura de cultura, costumes, crenças e outras. Essa relação e convívio podem ser facilmente integrados quando uma cultura respeita a outra, sem infligir as regras do grupo.

Os negros assim como os indígenas tinham em sua formação social, costumes e crenças diferentemente dos portugueses e demais habitantes do Brasil. E quando estavam a sós com seu povo costumavam praticar suas danças e cantos e religião. Os mesmos em poder dos portugueses não podiam demonstrar nenhuma característica religiosa que eram mal interpretados.

Com a emigração forçada para a América, os diversos povos perderam a sua identidade étnica (ganguela, quimbundo etc.) para se transformaram em genéricos “negros” ao pisar em solo brasileiro. O contato com uma sociedade de características completamente diferentes das da África fez com que as novas organizações sociais e afro-brasileiras, em particular, tivessem de se reordenar de modo bastante diferente das tradicionais. [...] a manutenção de fatores culturais africanos só foi possível por meio através de adaptações a novas condições interativas dos diversos grupos formadores; devido às condições em que se processou o surgimento dessa diáspora, a religião acabou por se consolidar como principal suporte da africanidade. (WEIMER, 2004 *apud* PEREIRA org., 2014: 08).

Nesse contexto, os africanos eram de diferentes culturas, pois assim como o Brasil, a África é bastante diversificada de acordo com a região em que vinham os negros, as suas características culturais se diferenciavam. De acordo com

SANTIAGO, CERQUEIRA e PONTES (2010: 66), “Línguas, ritos, crenças, costumes e formas de organização política variavam bastante de um lugar para outro”. Entre o século XVI e XIX, o tráfico de seres humanos afetou muitos povos que habitavam a África subsaariana. Mas devido ao grande sofrimento que ambos sofreram aqui no território brasileiro, os mesmos foram deixando de lado um pouco sua cultura e atrelando ou se apegando somente a sua religiosidade, onde se homogeneizaram, em prol de uma luta contra o sofrimento e a escravidão.

Desse modo, com a união de vários grupos africanos, sua herança cultural originária foi se perdendo e ao mesmo tempo ganhando uma nova nação cultural, baseada em diferentes costumes e forma de viver, conversar e lutar pelos seus direitos. Além disso, os africanos estavam convivendo com índios e colonos, vivenciando suas formas de vida, sua fala entre outras características que podem ter auxiliado para essa nova formação cultural dos negros do Brasil.

Antes de serem trazidos como escravos, os africanos tinham suas características peculiares de cada localidade da África, mas em alguns casos eram bem parecidos. “Uma das mais importantes era terem um tipo de organização social assentada sobre a unidade familiar, nos laços de parentesco e de solidariedade.” (SANTIAGO, CERQUEIRA e PONTES, 2010: 67). Seguindo esta lógica, os africanos antes de serem escravizados tinham sua cultura e organização cultural, na qual foi interrompida bruscamente pelo tráfico. Os portugueses ao perceberem essas características dos negros, que formar uma família constituída por várias mulheres, começaram a traficá-las com o pensamento de aumentar seus escravos de forma rápida e mais barata gerando consequentemente lucros.

Os africanos viviam em seu país de origem de forma simples, mas organizada, geralmente viviam da agricultura, onde o comércio local era em forma de troca de produtos, e cada membro da tribo passava uma quantidade ao líder da comunidade. Em relação à organização de espaço, os mesmos tinham noção geográfica, pois suas casas e centros urbanos eram organizados, onde tinham mercados, locais que apreciavam a religiosidade, e muralhas que cercavam casas e palácios. Outro fator relevante é que em sua maioria, eram pessoas ligadas a cultivar seus antepassados e entidades associadas às forças naturais, acreditavam muito no poder na natureza e dos espíritos, onde na maioria das vezes faziam rituais com sacrifícios de animas e até mesmo de seres humanos. (SANTIAGO, CERQUEIRA e PONTES, 2010: 68).

A oralidade dentro das sociedades africanas faz parte também de sua cultura, pois, acreditam que através da mesma poderiam preservar os conhecimentos e costumes que são repassados de geração para geração. A palavra falada, para os povos africanos, “possui uma energia vital, capaz de criar e transformar o mundo e de preservar os ensinamentos. As narrativas orais são registros tão complexos como os textos escritos”. (PEREIRA *in* PEREIRA org., 2014: 34).

Através das conversas, os mais velhos repassam ensinamentos importantes de conhecimento cultural, como a religião que de certa forma, é necessário para adquirir conhecimentos específicos e passar aos demais. Além das crenças, outro fator é a produção de remédios naturais que os africanos costumam trazer em sua cultura, bem como seus contos e cantos de acordo com cada local e parte da África que está inserido. Portanto, a maioria dá mais importância à fala do que à escrita. Dentro deste contexto VANSINA (2010) *apud* PEREIRA *in* PEREIRA org., (2014: 36) ainda afirma que:

Nas sociedades africanas reconhece-se a fala não apenas como uma forma de comunicação cotidiana, mas também como uma forma de preservação da sabedoria, por meio daquilo que chamamos de tradição oral. A tradição, nesse caso, é entendida como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração à outra. Na maioria das civilizações africanas, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. [...].

Diante desta realidade, nota-se que os africanos têm uma grande bagagem cultural que deve ser valorizada e reconhecida pelos brasileiros, pois, a nossa nação é composta por negros oriundos da África, e outras etnias que formarão a população hoje chamada de afrodescendentes ou afro-brasileiros. Portanto, o respeito e o reconhecimento dessas culturas são fundamentais para que toda a população tenha pelo menos um pouco de reconhecimento e valor social.

1.2.2 A diversidade de imigrantes no Brasil

A migração de pessoas de um lugar para outro é bastante comum, pois, o que mais excita as pessoas a estarem se locomovendo e mudando de estado ou até mesmo país, e em sua maioria, é a procura de melhoria na qualidade de vida, de paz, como em locais de constantes guerras, extração de riquezas naturais. Nos dias atuais, essa imigração ocorre mais entre países, devido aos bombardeios das guerras, mas ainda existem muitas pessoas a procura de riquezas, para dar um

futuro a seus descendentes. Estes imigrantes, por sua vez, deixam seus familiares e vão à procura de um lugar que possa trabalhar e ganhar uma boa renda para enviar as suas famílias, é o comum nos dias de hoje. (PEREIRA, 2014:10).

A imigração no Brasil iniciou quando os portugueses chegaram em meados do século XVI, quando aqui somente os nativos, que hoje são chamados de indígenas. A chegada dos portugueses segundo os historiadores foram por um acaso, pois, os mesmos estavam a procuravam das terras das Índias, mas quando chegou ao litoral brasileiro, vendo todas as riquezas naturais que aqui apresentavam, se instalaram e começaram a extraí-la para a exportação.

Logo após a descoberta das terras brasileiras, os portugueses precisaram de pessoas para trabalhar, que fossem de baixo custo, então se iniciou as compras de pessoas vindas da África, como escravos tanto para o trabalho na exploração do pau-brasil quanto para os serviços domésticos. Com isso, a população brasileira começou a crescer, pois além dos africanos que chegavam a cada dia, tinham os portugueses e os indígenas que já habitavam aqui.

A imigração teve início no Brasil a partir de 1530, quando começou a estabelecer-se um sistema relativamente organizado de ocupação e exploração da nova terra. A tendência acentuou-se a partir de 1534, quando o território foi dividido em capitanias hereditárias e se formaram núcleos sociais importantes em São Vicente e Pernambuco. Foi um movimento ao mesmo tempo colonizador e povoador, pois contribuiu para formar a população que se tornaria brasileira, sobretudo num processo de miscigenação que incorporou portugueses, negros e indígenas. (BRASIL-ESCOLA, 2016: 02).

A partir do momento em que o país foi dividido em capitanias, a população começou a si espalhar por todo o Brasil, e para melhor exploração destas terras, a cada dia chegavam navios com africanos para a mão-de-obra pesada. Nesta época eram proibidas as entradas de estrangeiros que não fossem escravos. De acordo com BRASIL-ESCOLA (2016:10), no período colonial, a entrada de estrangeiros no Brasil era proibida, “mas isso não impediu que chegassem espanhóis entre 1580 e 1640, quando as duas coroas estiveram unidas; judeus (originários, sobretudo da península ibérica), ingleses, franceses e holandeses”. Nesta ótica, a imigração começou a crescer e se ampliar por todos os portos e territórios brasileiros, uma vez que a descoberta dessas terras estava se expandindo por todo canto do mundo, muitos procuravam uma oportunidade de vida melhor, ou seja, conseguir ganhar riquezas de forma mais rápida e prática possível.

Meados de dezembro de 1963 chegava mais navios negreiros no Nordeste, transportando africanos para trabalhar como escravos, os mesmos não vinham para o Brasil por vontade própria atrás de riquezas, eram vendidos e retirado de seus lares pelos próprios africanos que vendiam seus descendentes aos portugueses.

Excetuando os portugueses e alguns poucos estrangeiros que se tornaram súditos de Portugal, os primeiros imigrantes voluntários a vir para o Brasil após a abertura dos portos foram os chineses de Macau que chegaram ao Rio de Janeiro em 1808. Cerca de 300 chineses de Macau foram trazidos pelo governo do príncipe regente (futuro rei D. João VI) com o objetivo de introduzir o cultivo de chá no Brasil. Eles tiveram importante participação na aclimação de plantas feitas pelo recém-criado Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (BRASIL-ESCOLA, 2016: 31).

Seguindo esta linha de raciocínio, nota-se que os chineses foram um dos estrangeiros que foram incentivados a vim ao Brasil com intuito de cultivar algo que em seu país de consome bastante, como o chá. Portanto, os imigrantes chineses, além do chá, se pode notar que eles usam muita a natureza como medicina, e costumam cultivar hortaliças e plantas medicinais em grande escala, tanto para seu costume quanto para sua renda, e essa cultura também foi deixada aos brasileiros.

Com o a promulgação do Decreto feito pelo príncipe regente em 16 de maio de 1818, houve o consentimento/autorização para o agente do Cantão de Friburgo, Sebastião Nicolau Gachet, formar uma comunidade de cem famílias de estrangeiros suíços. A chegada das famílias suíças iniciou aproximadamente em 1819 e 1820. Porém, a quantidade de famílias colonos da suíça superou a expectativa ultrapassando o tratado do contrato, chegando a 261 famílias e completando cerca de 1.686 imigrantes. Os mesmos foram morar e trabalhar na fazenda do Morro Queimado, localizada na vila de Cantagalo. O clima dessa região era um pouco frio, mas geralmente as terras eram irregulares, onde se aproximava com a Suíça, mas isso não segurou muito esses imigrantes, pois a terra era pouco fértil e mais planas, portanto, logo os mesmos abandonaram e foram a procura de novas terras para um melhor cultivo, umas delas foram a região serrana e centro-norte do estado do Rio de Janeiro. (BRASIL-ESCOLA, 2016: 33).

Devido essas grandes expansão de imigrantes por todo o território brasileiros, surgiram-se as variedades de costumes, crenças e cultura em geral. Desse modo, RIBEIRO (1995) *apud* SANTIAGO, CERQUEIRA e PONTES (2010:132), demonstra que existe diferentes Brasis, e diz que o primeiro foi na época do plantação da cana de açúcar: o Brasil crioulo.

O Brasil crioulo surgiu junto com a economia açucareira. Todos se abasileiraram no mesmo ritmo: de um lado, os senhores de engenho; de outro, a pessoa escravizada, africana ou indígena. O resultado foi uma sociedade de opostos: o grande latifundiário e as pessoas pobres. O Brasil crioulo foi também sincretista, no sentido religioso e cultural – resultado de uma estratégia usada por africanos e indígenas para manter suas raízes.

Assim como o Brasil crioulo, o caboclo não é diferente, pois existe participação da população indígena para a sua formação, mas dessa vez, o mesmo era nas regiões da floresta Amazônica, onde é formado pelos índios e europeus que ali abitava, e conseqüentemente seus descendentes eram mulatos. Nesta época acontecia a extração da borracha nesta região, por isso veio o crescimento de estrangeiros europeus neste local.

A imigração de estrangeiros crescia conforme a economia do país, portanto, tanto na época em que a exportação do açúcar estava em alta, quanto na extração da borracha que aqui havia grandes quantidades de plantas nativas, a misturas das raças acontecia de certa forma sem controle, por mais que eles desprezassem os índios e africanos, pois se achavam superiores a eles, acabavam que nascendo descendentes dos mesmos junto aos imigrantes.

Anos mais tarde, após a independência do Brasil, surgiram-se várias leis que proibiram a importação de africanos, então, os regentes portugueses tiveram que procurar outros meios para atrair imigrantes de outros locais. Na época da descoberta do ouro nesse país, a imigração surgiu de certa forma tão espontânea e crescente que o país cresceu sua população grandiosamente.

A descoberta de minas de ouro e de diamantes em Minas Gerais foi o grande fator de atração migratória. Calcula-se que nos primeiros cinquenta anos do século XVIII entraram só em Minas, mais de 900.000 pessoas. No mesmo século, registra-se outro movimento migratório: o de açorianos para Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Amazônia, estados em que fundaram núcleos que mais tarde se tornaram cidades prósperas. (BRASIL-ESCOLA, 2016: 30).

Sendo assim, a população brasileira se encontrava nesta época bem diversificada, pois, já havia muitos imigrantes de outros países e, que conseqüentemente, com o tempo, essas etnias iriam se integrar uma as outras, tornando-a mista e com uma variedade riquíssima de costumes, crenças e todas as

culturas. Quando começaram a exportação de café, houve um grande aumento de imigrantes de todo canto do mundo, como acontece até nos dias atuais.

No século XIX, teve início a imigração de outros povos europeus para o Brasil, em particular da Itália, rivalizando numericamente com os portugueses, seguidos por fluxos de espanhóis e de alemães. No início do século XX, intensificou-se o fluxo migratório oriundo da Ásia, particularmente de japoneses e de sírio-libaneses. A maior parte desses imigrantes foi destinada a plantações de café no estado de São Paulo, embora muitos tenham tido, como destino, os centros urbanos, em particular São Paulo e Rio de Janeiro, bem como colônias rurais no Brasil meridional. Entre 1884 e 1959, entraram, no Brasil, 4 734 494 imigrantes, sendo 1 507 695 italianos e 1 391 898 portugueses. (ENCICLOPÉDIA LIVRE, 2016: 03).

No século XX, o país estava em pleno vapor nas exportações de matéria prima como a madeira, de produtos agrícolas como o café, e de principalmente de riquezas naturais como o ouro e o diamante. Devido esses fatores de exportação, o Brasil recebia a cada dia, mais estrangeiros, onde por sua vez, vinham a procura de melhoras, de ter um rendimento significativo. Isso ainda ocorre, pois, sabe-se que esses estrangeiros que reside aqui neste país, em sua maioria, tiram o que se tem de melhor e não deixam nada, além de sua cultura.

Entre os séculos XIX e XX, o Brasil começou a si tornar cada vez mais mestiços, outra região que vale destacar é dos habitantes do sertão, que segundo RIBEIRO (1995) *apud* SANTIAGO, CERQUEIRA e PONTES (2010: 132), eles gostavam de pastoreios, criação de animais para fornecer couro e carne, principalmente para as regiões do cultivo da cana de açúcar, essa região ficou reconhecido pelo autor de Brasil sertanejo, pois vivem até hoje de forma simples e rústicas, e não sofreram tantas mudanças com a imigração na região.

Já o Brasil caipira é bem parecido, viviam com o sertanejo, a diferença é que nessa região de São Paulo, cultivava-se mais agricultura, mas que sofreu influência dos imigrantes com a chegada da febre do ouro, foram se modificando e tornando-se mais ambiciosos e modificando sua forma de viver e hoje, é uma das regiões mais desenvolvidas do país.

Neste sentido, nota-se que o Brasil não tem uma só característica, religião ou cultura, há um leque de diversidades culturais e raciais, moldado por costumes de imigrantes de outros países que trouxeram suas bagagens culturais que influenciou e até nos dias atuais estão sendo utilizados. A região sul do Brasil, por exemplo, foi

uma das mais afetadas, pois, eles levam a sério seus costumes e não abrem mão de carregar as heranças culturais de outro país.

O sul do país é ainda hoje marcado pela convivência de diversas culturas. O local começou a ser habitado com a política expansionista dos caipiras e, mais tarde, com a imigração de europeus. Os matutos, que eram a faixa litorânea, eram lavradores, enquanto os gaúchos, trabalhavam com o pastoreio; já os estrangeiros, imigrantes e descendentes, ocuparam principalmente o interior da região. (SANTIAGO, CERQUEIRA e PONTES, 2010: 133).

Diante dessa situação, a região Sul, foi uma das mais afetadas, devido suas misturas de etnias e costumes, onde suas características se aproximam mais com as dos imigrantes alemães, com suas danças e musicais bem peculiares. Todavia, as outras regiões, ou outros Brasis como cita o autor, também foram bastante influenciadas, onde os estrangeiros que ali habitaram, deixaram uma variedade de costumes, formas de se vestir e falar, costumes como tomar chá, comer churrasco, entre outras foram trazidas de outros países.

Deste modo, hoje o Brasil desde o final do século XX para o XXI, recebe uma quantidade significativa de imigrantes, seus motivos e objetivos são bem diferentes da época do descobrimento do Brasil, por exemplo, existem muitos estrangeiros que vem para o país atrás de paz, pois seu país vive em constantes guerras, outros vêm atrás de proposta de empregos e, também tem aqueles que procuram explorar as riquezas naturais que ainda se tem em grande abundância, e até mesmo investidores que ver aqui no Brasil uma forma melhor de trabalhar e exportar seus produtos.

1.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEGISLAÇÃO

Hoje, apesar do racismo anda está presente na vida do indivíduo, existem leis que pune de acordo com a gravidade da agressividade do racismo. Sabe-se que antes de existir a Lei que libertou os escravos que eram africanos, atos de racismo eram aceitáveis, pois, acreditava-se que eles inferiores aos brancos. Porém, após a Lei Áurea, os africanos teve o direito da liberdade, não sendo, mas escravos, mas as ofensas e desprezos permaneceram por muitos anos e ainda se encontra entre a sociedade em geral. Para os negros, a Lei Áurea não passou de um mito da

democracia racial, onde desde 1930 vem ocultando a verdadeira face do racismo brasileiro, onde receberam a abolição da escravidão sem oportunidades de inclusão.

O Estado brasileiro simplesmente declarou extinta a escravidão, sem acenar com nenhuma oportunidade de inclusão para os negros na sociedade. Em consequência, além de promover a imigração maciça de trabalhadores europeus, a população negra foi revelada aos patamares mais baixos. Nos Estados Unidos, como já vimos, após a emancipação, os negros puderam eleger e ser eleitos. No Brasil, abolida a escravidão e proclamada a República, os dirigentes criaram uma sociedade hierarquizada. (LOPES, 2008:116).

Como se pode perceber, a falta de organização e respeito com os negros iniciou desde sua abolição da escravidão. Foram anos de sofrimentos e desrespeitos da sociedade, forçando cada vez mais a existência do racismo e preconceitos. Segundo o autor, a através da Lei Áurea, os negros deixaram de ser escravos somente no papel, porque na realidade continuaram a sofrer, não tendo nenhuma oportunidade de vida, de se manter, pois, com a chegada chegaram os imigrantes, a prioridade de empregos e salários eram para eles e só restava para os negros, a humilhação de trabalhar de graça, somente para o seu sustento.

Somente a partir da Constituição Federal de 1988 e outras Leis que a sucederam foi possível perceber algumas melhorias no relacionamento dos cidadãos, aonde vem relatando no seu Artigo 4º princípios constitucionais que regem as relações internacionais do Brasil. “Tais princípios estabelecem padrões de comportamento, estímulos e limites à conduta externa do Brasil. Entre eles, acham-se o da prevalência dos direitos humanos (no inciso II) e o do repúdio ao racismo (no inciso VIII)”. (SILVA, 2008: 26). Os direitos dos seres humanos são confirmados na Carta Magna, desprezando o racismo e qualquer ação que venha ofender a integridade do próximo. Já no artigo 5º da Constituição Federal, vem afirmando que o racismo é crime inafiançável e imprescritível, e no cumprimento dos tratados internacionais de superação da discriminação racial dos quais o Brasil é signatário. (BRASIL, 2014: 15).

Diante disso, pode-se afirmar que a pessoa que comete racismo, responde perante a Lei, sem direito a fiança, podendo pegar anos de reclusão assim como os demais crimes perante a sociedade, e em muitos casos pode ser tratado como um crime fortemente grave.

A Lei 1390, de 3 de julho de 1951, conhecida como Lei Afonso Arinos, tipificou o preconceito de raça ou cor como contravenção penal. A partir desta lei, o racismo passou a ser considerado crime, podendo o indivíduo responder pelos seus atos perante a lei como os demais atos criminais.

Na Constituição Federal, o combate contra a discriminação racial foi bastante relevante, uma vez que a mesma visava a igualdade de todos, cultivando a harmonia e respeito entre os indivíduos. Porém, para combater o racismo, é necessário que se trabalhe desde cedo com as crianças, para que durante sua vida, saiba respeitar as diferenças do outro, sem discriminá-los e menosprezá-los. Neste sentido, o melhor momento de desenvolver conversas a respeito desse assunto é na educação infantil, onde as crianças têm seus primeiros contatos com outras de diferentes culturas e etnias. Todavia, esse estudo ou palestra sobre a igualdade deve ser acompanhado tanto na educação infantil como nos demais níveis e modalidades de ensino, para que os educandos amadureçam seus pensamentos a respeito do racismo.

De acordo com o Plano Nacional da Educação o papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade e aprendizagem.

Nos primeiros anos de vida, os espaços coletivos educacionais os quais a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. As crianças deverão ser estimuladas desde muito pequenas a se envolverem em atividades que conheçam, reconheçam, valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais na construção da história e da cultura brasileiras (BRASIL, 2014: 14).

Como se pode notar no Plano Nacional de Educação consta a importância de se trabalhar as temáticas da discriminação, preconceito e racismo no âmbito escolar, que possam levar aos educandos sobre os prejuízos e consequências que atos preconceituosos podem trazer na vida do indivíduo. É nessa fase que as crianças ainda estão formando seu caráter pessoal e falar sobre esse assunto é de suma importância para seu aprendizado no que é certo e errado.

Portanto, para conseguir todas essas conquistas, direitos e leis que amparam o racismo, foi necessário que vários países se juntassem e construíssem uma Declaração e Plano de Ação de Durban que não satisfizeram a todos, mas avançou bastante para o combate contra a discriminação racial. “A Declaração representa o

reconhecimento, por todos os Estados participantes, das fontes, das causas e das vítimas do racismo, da discriminação racial, da xenofobia e das formas correlatas de intolerância” (SILVA, 2008: 28).

Esta Declaração reconhece a ação de todos os participantes, bem como a união contra a discriminação racial, além de estudar e expor as causas e consequências que causam o racismo. A Declaração Universal incorporaria ainda um sentido de solidariedade e esperança na luta por igualdade e contra a discriminação racial no mundo, com isso a Declaração de 1948, em seu artigo 2º, “aprofundaria o princípio da não discriminação [...], que passaria a incluir raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, propriedade, nascimento ou outra condição”. (IBIDEM: 35).

Deste modo, esta declaração também luta para não haver discriminação com pessoas por causa da sua cor da pele, por sua religiosidade, seu sexo, sua apreciação política, pelas suas condições financeiras, devido moradia ou de qualquer outra coisa a que venham sofrer ofensas e menosprezos devidos esses fatores. Muitos brasileiros sofriam e sofrem preconceitos e discriminação devido estar em uma situação econômica diferente de outros, onde sofrem abusos de inferioridade, pois o agressor sempre procura desprezar e diminuir seu valor, sua dignidade.

No entanto, a partir desta declaração, esses atos foram mais corrigidos e diminuídos, ainda que não estejam extintos, as pessoas se policiam mais, quando vão tratar de alguns assuntos para que não ofendam as outras, apesar de ainda predominar o racismo, ele está incubado e/ou escondidos atrás de gestos e palavras distorcidas para não se deixar notar.

No ano de 2003, foi instituída a Secretaria de Promoção de Políticas para a Igualdade Racial (SEPPIR). O Congresso Nacional, cinco anos depois, cogitaria um projeto de lei que alongava a criar o Estatuto da Igualdade Racial, onde o mesmo era objeto de grandes e intransigentes contendas, especialmente com relação aos dispositivos sobre ações afirmativas ou compensatórias propostas nos reparos às decorrências prejudiciais da Lei Áurea sobre os afrodescendentes. (LOPES, 2008: 129). Já na educação, os afrodescendentes passaram a ter um olhar mais acolhedor a partir da parceria com o MEC – Ministério da Educação e UNESCO – Organizações das Nações Unidas para Educação, Ciências e Cultura, que se

comprometem no cumprimento do direito à educação, na garantia do inciso XLII do artigo 5º da Constituição Federal, que ressalta o racismo como crime inafiançável.

Além desses tratados, o Conselho Nacional da Educação, aprovou o parecer de nº CNE/PC 003/2004 no qual vem atendendo os propósitos expressos na Indicação CNE/CP 06/2002, bem como regulamentar a alteração trazida à Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Lei 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica.

Todos esses mecanismos da legislação, bem com as propostas dos movimentos pela erradicação do racismo ao longo do século XX, apontam para a necessidade de “diretrizes que orientam a formulação de projetos [...] na valorização da história da cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, [...] de educação de relações étnico-raciais positivas”. BRASIL, (2013: 497). Portanto, houve uma série de dispositivos legais que contribuíram para a formulação do parecer nº CNE/PC 003/2004, para que de fato acontecesse a introdução da História e do respeito pelos afrodescendentes.

2 DISCRIMINAÇÃO RACIAL E EDUCAÇÃO

2.1 RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO ÉTNICO-CULTURAL

O Racismo está presente em todo setor da sociedade, desde o descobrimento do Brasil até nos dias atuais, ele ainda perpetua de forma cruel e muitas vezes desumana perante a sociedade, independente de sua posição social, mas, onde atitudes preconceituosas acontecem mais com indivíduos de situações econômicas mais desfavorecidas.

O racismo pode ser definido com base em vários fatores e por diferentes autores que tratam bem esse assunto. Conforme GOMES (2005: 39) *apud* SILVA (2015a:35) “o racismo é uma ação motivada pela aversão às pessoas por suas características físicas ou culturais consideradas inferiores”. Neste caso, o racismo pode vir acompanhado de ofensas contra as etnias da vítima, podendo ser individual ou institucional. Neste sentido, a população que vem sofrendo o racismo e a discriminação racial fica privada de certa forma de seus direitos, por muitas vezes se sentirem reprimidas e retraídas com medo de serem criticadas por conta de sua cor ou raça.

Nessa perspectiva, a cada dia, vem se procurando meios para amenizar e/ou corrigir tanta discriminação e sofrimento dessas pessoas, principalmente de descendentes de negros e índios no Brasil. Sabe-se que, os seres humanos tem direitos iguais, independente de sua classe social, cargo que ocupa ou poder. Sabe-se que todo cidadão tem direito à liberdade de expressão, ou seja, o livre arbítrio, desde que não ofenda e prejudique ninguém, também tem-se o direito de ir e vir, bem como todos os outros direitos que vem competir ou não ao Estado, que não podem ser negado.

Além disso, o cidadão não só tem direito como dever, é neste sentido que o racismo está presente, porque cobram seus direitos e esquece-se de seus deveres, como respeitar, aceitar, reconhecer o próximo com igualdade. TODOROV (1985) *apud* SILVA FILHO (2004:13) diferencia racismo e racialismo:

O termo racismo designa um comportamento antigo e de extensão universal, enquanto racialismo refere-se a uma ideologia, um movimento de ideias nascido na Europa Ocidental entre os séculos XVIII e XIX. Podemos dizer que o racialismo é uma convicção da existência de raças distintas

biologicamente, enquanto o racismo se baseia nesta afirmação para hierarquizar as raças, naturalizando as diferenças e produzindo a desigualdade.

Para o autor, existe uma diferença entre racismo e racialismo, e muitas vezes são confundidos por se tratar de quase a mesma coisa, com diferença em que o racismo é a ação em que um indivíduo trata o outro com indiferença, discriminação. Já o racialismo trata-se da distinção de uma raça da outra, sem preconceito. De fato, “existem atos de violência entre grupos de imigrantes que são racistas bem como em outros grupos, pois, no Brasil a desigualdade tem nome, endereço e cor de pele, [...] a maioria de crianças e adolescentes fora da escola no país é afrodescendente”. (SILVA, 2015a:13).

A autora relata que o racismo nem sempre fica a vista, nem sempre as pessoas falam algo que se pode decifrar ou reconhecer como racismo. Entretanto, um mal atendimento em estabelecimentos públicos pode ser considerado ato de racismo, ou até mesmo quando alguém ignora a outra por causa de sua cor ou etnia já são atos de racismo que podem gerar constrangimento a vítima, podendo até fazer com que essa pessoa desista de algo ou ação que iria fazer, mas que devido as circunstância, desencorajou-a de concluir. Outra questão falada pela autora foi a desigualdade social e o analfabetismo que em sua maioria são predominantes em pessoas negras e seus descendentes, e isso é de fato uma realidade.

Diante disso, SOUZA *in* PEREIRA *org.* (2014: 07) retrata que o racismo persiste como elemento estruturante das desigualdades, bem como sobre os seus impactos na formação da nossa sociedade. Logo, a sociedade sofre perante essa realidade, devido a tantas diferenças sociais, que em sua maioria, acabam que afetando ainda mais a população de baixa renda, de cor e raça consideradas inferiores pelos racistas.

Sobre o racismo, ZAMORA (2009) *apud* SILVA (2015a:13) afirma que consiste na ideia de que algumas raças são inferiores a outras, atribuindo desigualdades sociais, culturais, políticas, psicológicas, à “raça” e, por tanto, legitimando as diferenças sociais a partir de suposta diferença biológicas. Nesta perspectiva, o racismo se apresenta não somente para as pessoas de cor e raça, e sim, para aqueles que tem baixa renda, de outras culturas, e até questão políticas e psicológicas pode ser motivos para os agressores usar de ofensas e preconceitos contra suas vítimas.

Assim como as definições conceituais, a classificação para diferenciar os seres é uma atitude comum. Porém quando esta classificação passa a ser utilizada para hierarquizar indivíduos ou grupos visando o domínio, a exploração e a opressão, tirando-lhes a dignidade humana, dentro do pressuposto da superioridade de uns e a inferioridade de outros, então se estabelece o *racismo*. (SILVA FILHO, 2004: 27).

Seguindo esta ótica, o racismo vem acontecendo há muito tempo, desde a época da escravidão até nos dias atuais, quando se depara com pessoas querendo aproveitar de outra, como por exemplo, as empregadas domésticas, até pouco tempo atrás, trabalhavam para ganhar um valor insignificante, mal dava para a sua sobrevivência, outras nem salários tinham, trabalhavam só para ganhar o que comer e ter um lugar mesmo que bem simples para dormir.

Além desses casos, também pode-se falar de exploração por opressão, onde são pessoas que saem para trabalhar em fazendas e fica a mercê da vontade de seus patrões, são tratados como animais ou coisa pior, ficam totalmente dominados e sem chance de defesa ou saída daquele local ou pessoa. Portanto, esses são alguns casos entre vários que existem de opressão que causam racismo constante no indivíduo que se encontra na maioria das vezes indefeso.

O racismo é um fenômeno que teve e tem influência nas mentalidades, em um modo de agir e de se ver no mundo. Na atualidade, não somente se observa pelos dados da demografia da pobreza brasileira que ela tem uma inequívoca marca de cor, como se sabe que um olhar mais atento à história e à vida dos afrodescendentes no país revela a convivência permanente com o preconceito e seus efeitos perversos. (SOUZA *in* PEREIRA *org.*, 2014:11).

Portanto, a pessoa racista não consegue enxergar e/ou aceitar o outro com igualdade, eles tem em mente que são superiores aos demais e acabam agindo por impulso e ira. Tempos atrás, não se falava tanto em racismo e preconceito, mas já se praticava bastante, contudo, nas questões de desigualdades sociais, como por exemplo, na época da escravidão, ou até mesmo depois, entre patrão e empregado, com nos dias atuais que não é tão diferente do passado.

SILVA FILHO (2004: 29) diz que para o senso comum, o racismo enquanto preconceito é uma consequência da ignorância, da falta de conhecimento. Portanto, é lamentável dizer que o preconceito anda lado a lado com o racismo, que ambos

são fortemente discriminatório e oprimente e que deve ser combatido em todos os setores da sociedade.

Deste modo, o racismo está subdividido em três elementos segundo MUNANGA (1995) *apud* SILVA FILHO (2004: 29):

1. Enquanto **ideologia** “uma doutrina, uma visão de mundo, uma filosofia da história, e que às vezes se apresenta como uma teoria científica, mas que nada tem a ver com a Ciência. Tem sim uma função importante: legitimar uma ação”. 2. Enquanto **preconceito**, “uma atitude, uma disposição afetiva imaginária, uma opinião, que pode ser verbalizada ou não. Pode se transformar numa verdadeira crença comparável a uma crença religiosa. Há pessoas que crêem mesmo que os negros são inferiores aos brancos.” 3. Enquanto **discriminação** “que é um comportamento coletivo observável ... até mensurável, ligado a certos modos de interação social e que remete às medidas de exclusão, suscetíveis de serem abolidas ou modificadas”.

Seguindo esta linha de raciocínio, pode se dizer que o autor descreve bem os elementos que formam o racismo, onde o primeiro fica evidente um sistema de ideias, como uma crença, que eles acreditam que aquilo que fazem é o correto. Já o segundo elemento diz respeito ao preconceito, que pode vir carregada de agressividade verbal ou até mesmo corporal devido a sua cor, onde também acreditam que os negros devem ser rebaixados aos demais. Por fim, o terceiro elemento que formaliza o racismo é que a discriminação acontece de forma grupal, onde várias pessoas que excluem outro indivíduo, um exemplo bom disso, são as redes sociais onde um grupo, ou várias pessoas podem excluir ou ignorar uma outra pessoa, trazendo constrangimento e ofensas.

[...] o racismo, expresso concretamente no caso brasileiro, naquilo que se convencionou chamar eufemisticamente de preconceito de cor. Como elemento subjacente dessa análise estão os próprios componentes ideológicos de quem estuda o assunto, fortemente ou de forma diluída, impregnados da ideologia de que o branco é superior, e o negro é inferior. Em segundo lugar, temos como decorrência do primeiro nível de deformação a visão do escravo (no caso brasileiro a visão do escravo negro, insistimos) através da ideologia que o colonizador estabeleceu e as classes dominantes que o sucederam assimilaram (MOURA, 1986 *apud* PEREIRA *in* PEREIRA org., 2014: 37).

Consequentemente, o racismo ainda se predomina mais na cor da pele, nas características das pessoas, ou seja, na fisionomia afro, algo que lembra um negro. Segundo a autora, no Brasil, muitos ainda têm a crença de que o negro ou

afrodescendente são inferiores aos brancos, e isso vem sendo acarretado desde as épocas dos engenhos, da imigração dos africanos nesse país.

Enfim, o racismo é um fato vergonhoso que acontece nas caladas ou ao público mesmo, nas redes sociais, com trocas de ofensas e desprezo tanto pela cor, raça, etnia, cultura e até mesmo classe social e que deve e precisa ser podado para que suas vítimas receba o respeito igual aos demais, sem discriminação e rebaixamento.

Em relação às definições e concepções sobre o termo preconceito, SILVA (2015a: 13,14) afirma que:

[...], o preconceito causa frustrações e um grande sentimento de impotência, sobretudo o preconceito racial que é um dos tipos de exclusão mais comum nas sociedades. Faz-se relacionar o pensar sobre ele com base em uma perspectiva histórica da humanidade. Observa-se que o preconceito racial sempre esteve presente, notadamente desde a trajetória de povos errantes, e que, em dado momento, passaram a organizar-se em sociedades tradicionais. Desde essa época, já havia distinção entre classes sociais e, com efeito, discriminação entre elas.

Com base no exposto anteriormente neste estudo, pode-se afirmar que o preconceito vem desde muitos séculos, que apesar de não ter recebido essa nomenclatura naquele tempo, ele já era bem visível e classificador, a discriminação para com os menos favorecidos era grande, e principalmente para aqueles que não pertenciam ou se enquadrasse a nenhuma das classes por eles impostos.

No Brasil, práticas preconceituosas estão cada vez mais comuns, pois, muitos levam em brincadeiras aqueles velhos apelidos ofensivos, e acabam não tomando nenhuma providência aonde essa ação vem tomando o indivíduo anos após anos, que acaba que rotulando como “apelidos carinhosos”, como por exemplo, pretinha, nego macaco, entre outros. Esse preconceito ambíguo se faz presente em nossa estrutura de desigualdade, em nossas ações cotidianas e na produção do conhecimento. Neste sentido, o preconceito se faz mais presente quando há desigualdade social, ele se torna quase comum entre os atores dessa ação, pode vir a acontecer dentro do lar, na comunidade onde vive, na igreja e até mesmo dentro da escola.

Portanto, quando há racismo, conseqüentemente também há preconceito com algo e/ou alguém, em relação à temática, BECHARA (2011: 1017) descreve preconceito como a “opinião ou ideia formada antecipadamente e sem reflexão nem

fundamento razoável sobre alguém ou alguma coisa. [...] Atitude genérica de rejeição de ideias, grupos, pessoas, com base [...] imposta, pelo meio”. Nota-se que o ato do preconceito é muito presente ainda na vida das pessoas, pois é comum que alguém julgue outra pessoa antes mesmo de conhecê-la, e muitos acreditam em um velho ditado popular que é “a primeira impressão é a que fica”. Corroborando com essa ideia, FERREIRA (2001: 551) relaciona o preconceito com: ideia preconcebida, suspeita, intolerância, aversão a outras raças, credos, religiões.

Em relação a visão do autor, o preconceito em sua maioria, vem da não aceitação das diferenças físicas, ou seja, se outra pessoa for diferente do padrão que o agressor está acostumado a aceitar, isso já é motivo suficiente para que ele agrida o outro com atos de preconceito. Outro fato importante que vale ressaltar é que não somente a parte externa incomoda o preconceituoso ele também se importa com as diferenças entre crenças, religiosidade, sexo, ou opção sexual.

Já em relação à discriminação, BECHARA (2011: 447) fala que é ato ou efeito de discriminar, ou seja, diferenciar, distinguir, discriminar o bom do ruim, é preciso saber discriminar entre o que é proveitoso e o que é apenas perda de tempo, como por exemplo, discriminar, materiais para uso mais preciso e descartar os menos necessários, no momento. Também se pode dizer que alguém discriminou uma pessoa, ou seja, julgou-a, fez comparação com algo ou alguém, menosprezando o seu valor, seja ele cultural, racial, ou até mesmo na sua religiosidade, estabelecendo diferenças preconceituosas.

Principalmente quando se relaciona aos negros, pois se sabe, até nos dias atuais muitos sofrem discriminação e preconceito. Nessa perspectiva, MATTOS (2011: 219) define discriminação como:

1. Estabelecer a diferença que existe entre as pessoas ou coisas, diferenciar, distinguir.
2. Indicar que parte de conjunto cabe a cada um: especificar.
3. Negar a uma pessoa um tratamento igual ao de outras – é proibido por lei discriminar as pessoas por sua raça ou sua religião.

O autor relata que a discriminação acontece quando se estabelece uma diferença, inferiorizando a outra, ou seja, dando-lhe menor importância. Discriminação também pode ser discriminar algo, indicar qual sua posição na organização de algum produto ou ferramenta. Portanto, discriminação é tratamento preconceituoso dado a certas categorias sociais, raciais, etc. (FERREIRA *org.*,

2001:239). Com efeito, a discriminação quando é levada a ofensa ou agressão de outro, ela é considerada crime, e a pessoa pode responder judicialmente, respondendo pelos seus atos.

2.2 A QUESTÃO RACIAL NA ESCOLA

O racismo está presente no contexto social há bastante tempo, e com o passar dos anos ele vem se demonstrando ainda forte, apesar de inúmeras penalidades e meios utilizados para erradicá-lo. Deste modo, muitos brasileiros vêm sofrendo episódios arduamente cruéis de racismo em vários setores sociais, até nos ambientes educacionais ele está presente. Muitas vezes, ele vem acompanhado de violência e agressões verbais que prejudicam o psicológico dos mesmos e também pode ocasionar mudanças de comportamento, como por exemplo, se retrair ou revoltar-se, e tornar-se violenta com as demais.

Em relação à questão racial que ocorre em diversos ambientes, SILVA FILHO (2004:18) questiona:

Frente a esse processo de ocultação da realidade histórica da população negra que norteia o cotidiano do povo brasileiro como um todo, como coibir práticas preconceituosas e discriminadoras, que certamente ocorrem, entre os indivíduos e os vários grupos [...] Como perceber, em sua atuação pessoal e profissional, comportamentos racistas e/ou racialistas, considerados naturais pelo imaginário popular, no trato com os usuários negros? Como agir quando ocorrer comportamentos, atitudes, ações racistas entre seus usuários ou entre seus pares?

Atitudes racistas muitas vezes passam despercebidas ou ignoradas para a sociedade, exemplo disso, são os xingamentos por intermédio de brincadeiras e/ou quando se vai chamar alguém e troca-se o nome pelo apelido maldoso como: preto velho, nega do cabelo duro ou pixaim, macaco, carvão, torrão entre outras que levam a ofender e agredir sua etnia e descendência. Portanto, essas pessoas por mais que sejam intimas uma das outras, ofendem, e a vítima às vezes se sente com vergonha de chamar a atenção ou impor respeito por se tratar de alguém que já lhe conhece há bastante tempo.

Um dos mais causadores da violência no Brasil é o preconceito, seja ele por classe social, racial ou religiosa, sempre está presente na sociedade e nas escolas em comum. O preconceito racial é mais frequente, ainda nos dias de hoje, pessoas descendentes afro-brasileiros, de pele negra são as

mais discriminadas em nosso país. Além dos negros, também existe preconceitos a pessoas de outras etnias como descendentes indígenas, indianos, japoneses, chineses entre outros que diariamente sofrem “chacotas” e apelidos que ofendem sua cultura, costumes e ética moral. Esse tipo de comportamento quase que sempre levam a violência verbal, e até mesmo corporal e psicológica do ser humano. (SILVA, 2015b: 38).

Para a autora, o preconceito racial está em toda parte, aonde não somente os negros lutam por um espaço e respeito dos demais, e que apesar dos avanços, o Brasil ainda está muito lento em relação à igualdade social, direitos e deveres, principalmente porque as penalidades para o ato do racismo é fraca para os agressores, havendo brechas para esse ato repugnante.

Nesse sentido, para erradicar esses atos provocativos no âmbito escolar, é necessário que se divulgue e trabalhe desde a educação infantil com as crianças, para que ao se tornarem adultas não serem tão medíocres como os demais já existentes e também tratando os mesmos por igual sem negar e/ou retraindo ninguém devido sua cor.

A professora e o professor da educação infantil deverão tomar cuidado para que o toque com carinho seja dirigido a todas as crianças, pois existem casos em que as profissionais se negam a tocar no corpo da criança negra pequeninha (0 a 3 anos), trocar suas fraldas e carregá-la; pesquisas mostraram situações em que os docentes se negaram a cuidar dos cabelos crespos das crianças negras, rejeitaram receber sua família, atribuíram xingamentos e apelidos pejorativos e foram agressivos. Tais atitudes não somente ferem princípios da ética profissional, mas também são casos de racismo e, portanto, devem ser punidos na forma da lei. (BRASIL, 2014: 22).

Nesta perspectiva, o educador às vezes é o primeiro a fazer ato racismo e preconceito, onde as outras crianças se espelham no seu professor e acabam que também praticando essa ação. Então, cabe ao professor se policiar e respeitar as crianças, tratando-as por igual, devem assim evitar práticas discriminatórias e raciais para não incorrer em tragédias, como se ver em muitos lugares, onde professor agride aluno e aluno o professor devido a maus entendidos e apelidos trocados.

Vale ressaltar que, além de respeitar seus alunos, é necessário que os professores conversem abertamente com essas crianças sobre o racismo, para que no ambiente escolar não aconteça esses atos. É importante que o educador incentive a convivência com todos, pois acreditamos que o racismo pode ser derrotado dentro e fora da escola, basta os atores destes episódios respeitar as diferenças de cada um.

Percebe-se que em grande maioria, a ameaça ao professor é bastante forte, pois, é um fator que muito acontece em muitas escolas do Brasil. Porém, a violência não se restringe em apenas xingamentos e apelidos, como foi bastante numerosa a escolha do aluno que é chamado de macaco, sabe-se que racismo ou preconceito é crime, mas que ainda é muito presente no cotidiano escolar (SILVA, 2015b: 61).

Neste caso, a autora diz que nas escolas deste país, há muitos casos de racismo, violência e preconceito de alunos com professor e vice-versa. Entretanto, ele é repudiado, sendo crime considerado grave, mas que ainda precisa ser combatido neste ambiente que deveria ser exemplo de respeito, igualdade e companheirismo. Os autores NICODEMOS e OLIVEIRAS *in* PEREIRA org. (2014: 81) colocam um relato bastante comum que ainda acontece dentro da sala de aula feito por uma professora negra.

“Eu tinha horror ao dia 13 de maio, porque sabia que os professores falariam sobre mim. Os professores costumavam dizer: ‘Os negros não são bonitos, mas esse não é o caso da Cármen. A Cármen só tem alguns aspectos das pessoas pretas’”. Cármen reflete, dizendo: “Os professores pensavam que estavam me dando elogios”.

Deste modo, atos e ações como esses podem constranger alunos, o professor que não presta atenção e não mede suas palavras quando vai falar sobre a história dos negros. Em alguns casos comparam os mesmos até com animais ou algo bizarro, falam também sobre o suas características menosprezando-os, rebaixando sua raça e cor, demonstrando indiferença e desprezo. Em outros casos, o autor relata um pouco do racismo dentro da sala de aula, onde destaca a fala de um professor negro:

“Em relação à raça/etnia, o que eu posso dizer é que ensino o assunto de uma forma implícita [...] Na questão de raça/etnia, o que acontece algumas vezes é relacionado com o comportamento dos alunos com racismo, e o problema se origina na família. Dessa forma, há alguém que xinga, provoca, e alguém que é sempre perseguido. Eu acho que os alunos negros aceitam muito os xingamentos na sala de aula. Estudantes tratam tudo como brincadeira. Eles não veem que aquela brincadeira pode estar errada. Alguém pode ser ofendido até um determinado momento, mas eles não mostram que estão ofendidos. Eu pessoalmente também tive esse problema na sala de aula e fora da sala de aula” (Daniel, professor negro). (NICODEMOS e OLIVEIRAS *in* PEREIRA org., 2014: 81).

De acordo com o relato deste professor exposto pelo autor, o racismo vem se apresentando naturalmente dentro da sala de aula e que os educandos levam na

brincadeira, não se ofendendo com as palavras e xingamentos dos colegas. Outro fato também relevante é que o aluno culpa a família de tais atos, uma vez que a educação e respeito para com o próximo devem ser aprendido e ensinado no ambiente familiar. Se não aprender que deve aceitar as diferenças e respeitá-las desde cedo, conforme vai crescendo, seu preconceito também cresce junto, tornando-o uma pessoa dissociável aos demais, principalmente aqueles de origens afro-brasileira e indígenas, que são os que mais sofrem racismo no Brasil.

O racismo infelizmente não acontece somente no Brasil, ele está presente em vários países, e nos Estados Unidos é mais comum, conforme KAMEL (2006) *apud* SILVA (2015b: 38).

O que quero dizer é que racistas são iguais, aqui ou lá fora. Impõem um sofrimento terrível. É evidente que nos EUA o racismo é rotineiramente mais duro, mais explícito, mais direto. Mas como saber se o xingamento aberto dói mais ou menos do que o desprezo velado? Não tenho dúvidas de que um arranhão dói menos que uma amputação, mas quem poderá dizer se o racismo impõe maior ou menor dependendo da rispidez do ato racista [...]

Neste sentido, o racismo é um problema mundial, onde não somente no Brasil e EUA acontece, mas sim em vários países, pois o mesmo ainda prevalece no cotidiano da humanidade. A prática de humilhar, ofender, sem preocupar-se com o sentimento do próximo, sem se importar se estão magoando as pessoas. O autor indaga qual será o grau da dor do racismo e do preconceito, a dor de ser discriminado, não aceito pelas pessoas, ser ignorados quase em todos os lugares que frequentam.

Práticas racistas não surgiram agora. De acordo com SILVA FILHO (2004: 77), há a cultura de que o negro sempre faz o trabalho sujo e mais pesado, ou seja, de que “o negro está associado a trabalho braçal, sujo, violento, que ninguém quer fazer. Tem um pouco de ligação com a nossa formação cultural”. Diante disso, pode-se dizer que o preconceito que os negros tem recebido como comparar o negro com o burro ou cavalo de carga, e geralmente dizem: “coloca esse negão ai que ele aguenta”, ou “para esse serviço só um preto mesmo para fazer”, demonstrando menosprezo em suas falas. Por outro lado, muitas vezes o agredido aceita aquele ato preconceituoso como um elogio, por estar destacando sua força, coragem ou bravura.

Segundo IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, em 2005, a população negra representava 49% da população brasileira e estima que esse número tem aumentado, sendo que muitos vivem em condições de vida precárias representando a maior desigualdade social.

Negros nascem com peso inferior a brancos, têm maior probabilidade de morrer antes de completar um ano de idade, têm menor probabilidade de frequentar uma creche e sofrem de taxas de repetência mais altas na escola, o que leva a abandonar os estudos com níveis educacionais inferiores aos dos brancos. Jovens negros morrem de forma violenta em maior número que jovens brancos e têm probabilidades menores de encontrar emprego. Se encontrarem emprego, recebem menos da metade do salário recebido pelos brancos, o que leva a que se aposentem mais tarde e com valores inferiores, quando o fazem. Ao longo de toda a vida, sofrem com o pior atendimento no sistema de saúde e terminam por viver menos e em maior pobreza que brancos. (CICONELLO, 2008: 03).

O autor descreve como é a trajetória de vida e o descaso de um negro diante de uma sociedade tão preconceituosa, onde desde o sistema público, como o direito ao atendimento na saúde, educação e aposentadoria lhes são negados, ou leva mais tempo para receber o atendimento devido assim como os demais, considerados brancos. Segundo o autor as probabilidades de crescimento profissional são baixas, pois geralmente não conseguem concluir seus estudos devido precisar trabalhar mais cedo e por mais horas para ajudar no sustento de suas famílias.

O racismo vem se mostrando em diferentes lugares e com um número cada vez mais agravante de pessoas não só negras e indígenas, mas também com imigrantes de outros países, onde muitas vezes procuram neste país refúgio devido conflitos em seu país de origem, no entanto, em alguns casos recebem violência e preconceito, devido sua etnia ou lugar de onde vem. “Nos países em desenvolvimento, a pobreza, as guerras e os conflitos, inclusive de caráter étnico, estariam renovando e recriando modalidades de racismo”. (SILVA, 2008:27). Considerando que o Brasil é receptor de inúmeros imigrantes de vários países, deve-se procurar meios de ajudar essas pessoas, pois não foi uma escolha, e sim uma fatalidade, deixaram seus lares, suas vidas, familiares, para tentar uma vida melhor, com paz e tranquilidade para criar seus filhos.

Em relação ao racismo, preconceito e violência, o que se pode notar, em sua maioria, acontece com pessoas indefesas, de baixa renda, que estejam em alguma

desvantagem com seu agressor, que ao sofrer esses abusos tornam-se caladas, sofrendo e aguentando, sem muitas expectativas de mudanças, um exemplo disso, são as empregadas domésticas que recebem gritos e xingamentos sem responder, receosas de serem mandados embora, como também os trabalhadores em geral.

O racismo é percebido e vivido no cotidiano: nos *shopping centers* de elite, onde os trabalhadores negros são confinados em postos de vigias ou faxineiros e raramente empregados em atividades de atendimento ao público; na propagação televisiva, onde os negros/as, quando aparecem, ocupam as tradicionais posições de subordinação (a empregada doméstica, o bandido, a prostituta, o menino de rua, o segurança); nas piadas e expressões de cunho racista sempre aceitaria meu filho ou filha se casando com um negro/a são comuns no Brasil. (CICONELLO, 2008: 03).

Sendo um fenômeno tão falado e pouco combatido, o racismo vem se estendendo em todas as áreas, mesmo que de forma sutil e calado, já vem provocando grandes destruições nos lares das famílias e na vida psicológica e social das pessoas. Em novelas, filmes, minisséries, entre outras áreas da televisão, o negro/indígena vem sempre com um papel que lembra a escravidão, sofrimento e também a bandidos e ladrões, dificilmente recebem o papel de protagonista, de doutor, de rico. Em geral, é o contrário, sempre levando ao rebaixamento desta etnia, mostrando que os mesmos geralmente não conseguiram atingir o sucesso, e as pessoas não ver isso como preconceito ou racismo.

Nesse contexto, LOPES (2008:124) diz que essa constatação fica mais ampla quando analisa notadamente a atuação da televisão e da publicidade, principais formadores de opinião e consciência no Brasil e no mundo moderno, a televisão brasileira atualmente “toma como modelo padrões consagrados, [...]. E assim, repete em suas produções os padrões de beleza dos astros e estrelas de Hollywood, majoritariamente do tipo nórdico, cabelos louros, olhos claros”. Logo, quando se propaga um modelo padrão pode haver estímulo ao diferente, à atitudes preconceituosas e práticas discriminatórias na sociedade e, consequentemente no cotidiano escolar.

Os estudos de desigualdades raciais [têm] como hipóteses: (a) as desigualdades sociais existentes entre brancos e negros se devem a diferenças de oportunidades e diferenças de tratamento, e não a uma herança do passado; (b) as desigualdades maiores ocorrem entre brancos e pardos, por um lado, e entre brancos e pretos, de outro, de modo que, para todos os efeitos práticos, isto é, de oportunidades de vida, existe uma bipolaridade na sociedade brasileira entre brancos e não brancos; (c) o ciclo cumulativo da desvantagem. A cada geração aumenta a desigualdade

entre brancos e negros. (GUIMARÃES, 2000 *apud* PEREIRA in PEREIRA org., 2014:72).

Seguindo esta ótica, a cada dia aumenta a desigualdade socioeconômica entre brancos e negros, mostrando que conseqüentemente, o racismo e o preconceito também irá crescer na mesma medida, pois, a cada dia também aumenta o número de negros desempregados, e com pouca escolaridade, sua perspectiva de uma vida melhor.

Os motivos e justificativas dos negros e indígenas para as dificuldades de acesso ao ensino superior ou galgar posições mais altas dentro de uma empresa podem ser porque, desde quando no banco das escolas, esse grupo de indivíduos percebem presenças e ausências nos livros didáticos e toda uma prática racista e preconceituosa no ambiente escolar.

[...] nos conteúdos programáticos e nos livros didáticos, as *presenças* quando as imagens e as representações negativas existentes nos textos transmitem a ideia de desvalorização do negro do ponto de vista físico, intelectual e cultural, as *ausências* ao não ressaltarem a sua participação nos acontecimentos históricos e sociais do país, os fatores históricos e políticos que contribuíram para a sua situação atual e os movimentos de resistência que os negros vêm desenvolvendo desde a escravidão até os dias atuais. (PINTO, 1987 *apud* SILVA FILHO, 2004:21).

Portanto, devido esses fatores históricos ser distorcidos pela sociedade que vem demonstrando indiferença com os descendentes afro-brasileiros, pois, em muitos casos acabam que tendo menos oportunidade que os demais ditos brancos, uma vez que são vistos como inferiores. Desde muitos anos, quando se estuda a história do Brasil, os negros vêm se destacando pelos seus trabalhos braçais e nunca pelas suas riquezas culturais.

2.3 A DISCRIMINAÇÃO E O PRECONCEITO NO COTIDIANO ESCOLAR

A escola deveria ser ambiente de respeito e igualdade entre todos os membros que a compõe, mas o que se nota são a discriminação entre os mesmos, onde são classificados e taxados de acordo com a sua classe social ou poder aquisitivo, escolaridade, fisionomia e cor de pele. Devido esta distinção ou classificação feita dentro e fora do ambiente escolar, o preconceito está crescendo a cada dia, ganhando forças quando já deveria ser extinto neste mundo que se diz tão

atualizado com tecnologias, mas ainda anda na antiguidade quando se fala em práticas discriminatórias e preconceituosas.

Apesar de ser falado todos os dias, às crianças e adolescentes sobre o respeito que devem ter para com os outros, não discriminar e fazer algo preconceituoso. Por outro lado, o livro didático com imagens indivíduos pobres, que são negros ou indígenas, nordestino, etc. As profissões mais valorizadas tem imagens de pessoas brancas. Quando desenha, por exemplo, um menino de rua, sempre ilustra a imagem de uma criança negra, toda mal vestida, quando na realidade, também existem milhares de crianças de cor branca que também vivem na pobreza e marginalidade. Em relação à escola, pode se dizer que:

Em sua metodologia diária, é importante que no início do ano letivo o educador procure valorizar não somente os de cor branca, mais também procure inserir os negros nas mesmas atividades dos demais. Procurando trabalhar as atividades que envolvem cores, no sentido que o educando já comece a identificar a cor da pele, para que possam socializar a questão racial. Construindo um ambiente cultural diversificado, onde todos fazem parte sem distinção de cor. (SILVA, 2015a: 30).

A autora enfatiza a necessidade de que desde os primeiros dias de aula, ou nos primeiros momentos que a criança frequenta a escola, ela tenha contato com diversidade cultural para que se forme uma pessoa com caráter respeitador. A desigualdade social também é um forte motivo de chacotas para os agressores que estimulam o preconceito e discriminação, ser pobre, ou morar na rua, é um assunto que mais são ofendidos e agredidos nos ambientes sociais, inclusive na escola. Neste sentido, pode-se dizer um pouco mais sobre a desigualdade no Brasil:

A discriminação racial no Brasil é responsável por parte significativa das desigualdades entre negros e brancos, mas, também, das desigualdades sociais em geral. Essas desigualdades são resultado não somente da discriminação ocorrida no passado, mas também, de um processo ativo de preconceitos estereótipos raciais que legitimam, quotidianamente, procedimentos discriminatórios. (CICONELLO, 2008:13).

Vale ressaltar que a discriminação por mais que seja combatida, ela ainda se faz presente em todos os ambientes sociais, principalmente nas escolas, uma vez que, ao adentrar no ambiente escolar, pode-se perceber inúmeras situações de discriminação entre os alunos. Os alunos desde pequenos são estimulados pelos pais e até mesmo pelo professor, a discriminar uns aos outros, como por exemplo,

quando a professora repreende um aluno dizendo “só podia ser você mesmo a fazer isso”, e se refere aos outros falando “não quero que vocês se comportem como fulano, ele é mal educado, não quero que ninguém brinque ou fale com ele”. Isso já é uma exclusão, uma discriminação ou preconceito da professora, e ainda estimula para que os outros façam o que ela está pedindo, ou seja, excluindo o mesmo do meio em que está e principalmente, fazendo com que cresça um sentimento de preconceito, seja pelo seu comportamento, opção sexual, cor ou classe social que pertence esta criança.

Em muitos casos, o professor dá mais atenção e carinho aquelas crianças que chegam cheirosas, bem arrumadas e que geralmente pertence a uma classe social de melhor poder aquisitivo. Neste sentido, este educador acaba que discriminando os demais, pelo seu vestuário, sendo uma realidade que acontece despercebidamente aos olhares de pais e gestores das escolas brasileiras.

O Brasil é bem contraditório, por um lado, a maioria tem menos renda, passa necessidades e geralmente são de cor negra, e por outro lado, a minoria, tem condições econômicas melhores, e são de cor branca. O Brasil é extremamente desigual. “Considerado um país de renda média [...] possui desigualdade de renda tão elevadas, que setores expressivos da população vivem em condições de pobreza enquanto uma minoria detém grande parte da riqueza nacional”. (CICONELLO, 2008:03). Portanto, a pobreza se instala em todas as cidades brasileiras, onde se observa grandes favelas, com barracos e escolas precárias, com pouca estrutura, que geralmente recebe pouco recurso e apoio financeiro.

Portanto, a discriminação está ligada ao preconceito racial, mas não se restringe somente a isso, a discriminação também pode ocorrer devido à posição social em que a pessoa se encontra, por exemplo, a empregada doméstica recebe um tratamento diferente em supermercados e padaria do que a patroa receberia, e isso é constrangedor.

Em muitos casos, quando uma pessoa chega mal vestida em uma loja seja ela de grife ou não, as pessoas já olham com desprezo, ou medo que ela venha roubar. Ocorrendo o contrário com um indivíduo bem vestido que receberá a atenção devida, simplesmente pela aparência.

Assim como em vários setores sociais, a discriminação está presente também na escola, que é utilizada como um lugar para discriminação e preconceito entre as pessoas. Neste sentido, as formas de menosprezo e inferioridade podem ser de

várias formas, deixando feridas e constrangimento a pessoas, e principalmente quando esse fato acontece no ambiente escolar, muitas vezes, as crianças e/ou adolescentes sentem medo e perdem a vontade de estudar.

A pessoa que recebe tratamento racista geralmente apresenta um complexo social, se isola de todos por sentir vergonha de si mesmo. Com o aluno não é diferente, ao ser discriminado, ele passa a sentir-se desprezado, onde se afasta dos colegas de classe e não conversa com ninguém, passa às vezes a faltar na escola e até mesmo sua família leva aquele aluno a outra escola, achando que assim, será melhor o convívio para ele. Porém, isso não é a melhor solução, o certo seria verificar a causa do problema e tentar resolver de forma mais amigável possível dialogando com o agressor, que muitas vezes, acha que não está ofendendo o seu colega e continua as ofensas.

O preconceito, pode se apresentar inúmeras maneiras, seja por causa da cor que é a mais comum, por causa da classe social, racial, étnica, religião ou sexualidade. E esse fato, muitas vezes, não é aceito por alguns que acabam agredindo tanto verbalmente ou fisicamente suas vítimas. Somos do entendimento que o homem é um ser criado para viver em sociedade, construindo suas relações e regras sociais, aprendendo na convivência com o outro. Desse modo, NUNES (2011: 31) adverte que “os conflitos surgem naturalmente no convívio social, porque as pessoas buscam proteger os seus próprios interesses e bens, ignorando as normas de convivência”. Neste sentido, a convivência no ambiente escolar deve ser pautada em respeito ao outro, se uma pessoa não gosta de algo ou ação que a outra fez e faz, deve resolver através de conversas para que as regras sociais sejam consideradas.

Hoje, muitos lutam por melhorias de vida e esquecem que devem antes de mais nada, saber dar valor as pessoas que estão a seu redor, não maltratá-las, nem menosprezá-las devido sua posição social. A escola vem desenvolvendo algumas ações nesse sentido, no entanto, não é suficiente. Desse modo, um dos grandes desafios da educação é buscar a autonomia dos jovens e possibilitar a construção da capacidade deles de relacionar-se com eles mesmos, com os outros e com o mundo. Logo, a escola deve formar cidadãos que respeitem seus semelhantes, que não discriminem nem tratem com preconceito. (IBIDEM: 32).

Portanto, pode-se dizer que a educação está cada vez mais, sendo pensada como um caminho para a igualdade tanto social, econômica, quanto de formação,

bem como a quebra de preconceito. “A violência não se restringe em apenas xingamentos e apelidos, [...] sabe-se que racismo ou preconceito é crime, mas que ainda é muito presente no cotidiano escolar”. (SILVA, 2015b: 60). Seguindo este pensamento, pode-se compreender que muitos desses alunos que são chamados de macacos ou nomes piores acabam que respondendo também com agressão ou se retraindo. Apelidar é crime e quem faz esse ato está sujeito a receber também agressão e responder pelos seus atos. O ambiente escolar deve ser pacífico, e não aceitar esse tipo de comportamento, por isso deve trabalhar bem essa questão.

[...] a educação para a paz deve trabalhar quatro conceitos fundamentais: a aceitação de si mesmo e dos outros; a habilidade de comunicação eficiente; a compreensão das diferenças interculturais e a solução pacífica dos conflitos. (NUNES, 2011: 33).

É importante salientar que a aceitação de si mesmo serve para aqueles alunos que tem preconceito e vergonha de seu próprio ser, e isso não pode acontecer, o aluno deve conhecer sua cultura, sua história e ter orgulho de fazer parte dela. Já na habilidade de comunicação, muitos alunos tem vergonha de se expor, de conversar ao público, por receio de receber chacotas, ou discriminação dos outros.

Portanto, o professor deve sempre estar atento na notificação de tratamento agressivo de discriminação e preconceito, uma vez que os alunos levam como de início como brincadeiras e que com o passar do tempo, com inúmeras repetições se tornem de certa forma um preconceito, como por exemplo, chamar o colega de pretinho, carvão, entre outros, sendo assim cabe ao educador, juntamente com a escola e a família desenvolver ações de forma pacífica para que esses alunos entendam que brincadeira é diferente de agredir, e que aprendam a conviver com as diferenças uns dos outros.

3 AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA DE DIVINÓPOLIS, MUNICÍPIO DE RURÓPOLIS-PA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para composição do corpo deste trabalho foram utilizados procedimentos metodológicos embasados em pesquisas bibliográficas que apresentam as impressões de autores que se debruçaram sob o assunto em questão, tais como: LUCIANO (2006), VETILLO (2009), SILVA (2008), SILVA (2015a), SILVA (2015b), SILVA FILHO (2004) e OLIVEIRA e FREIRE (2006) assim como as legislações que discorrem sobre o racismo e práticas preconceituosas e de discriminação.

Este estudo fez uma análise dos dados qualitativos e quantitativos que serão identificados durante a pesquisa onde irão discutir as práticas de preconceito étnico-racial com relatos de forma explicativa, analisando os fenômenos que ocorrem no ambiente escolar em relação ao processo de preconceito racial. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Divinópolis Km 70, localizada na comunidade de Divinópolis, próximo ao km 70, no trecho de Itaituba-Rurópolis, estado do Pará. No período de maio a junho de 2017 foram ouvidos membros da comunidade escolar no total de sete servidores (pessoal de apoio, professores e gestor) por meio de questionário com 11 (onze) perguntas direcionadas objetivas e subjetivas.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos colaboradores dessa pesquisadas possibilitaram traçar um panorama de como acontecem questões étnico-raciais na escola pesquisada. Sete foram os participantes: um diretor, uma servente e cinco professores da escola pública Divinópolis, onde os dados foram coletados por meio de questionários.

O responsável pela escola é o senhor José Carlos Fonseca de Araújo, formado em Pedagogia com pós-graduação em gestão escolar, e atua há nove anos nessa escola. A servente entrevistada, não tem curso superior, e já atua nesta escola há 14 anos. Portanto, se observa que os colaboradores da pesquisa possuem certo tempo de trabalho e experiência suficiente para conhecer como as questões étnico-raciais são tratadas nessa instituição de ensino.

Cinco foram os professores entrevistados que possuem bastante tempo na escola, variando de 3 a 25 anos de serviço docente prestado à comunidade escolar. Todos são graduados na área específica que atuam, contando somente dois com especialização em sua área de trabalho.

3.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA

A partir de 1970, o governo federal incentivou através do Programa Integração Nacional a colonização da Amazônia tendo o lema “Integrar para não Entregar”, promovendo a abertura da Rodovia Transamazônica que atraiu várias famílias oriundas de diversas regiões e estados brasileiros. Desse modo, surge então a necessidade de uma escola para atender aos filhos dos colonos que povoaram a Transamazônica nas proximidades do Km 70. Foi então que no dia 24 de abril de 1973, sob a coordenação do Padre Souza da Silva, e com o nome da Escola Padre de José Anchieta foi inaugurada a primeira escola da Transamazônica no trecho Itaituba a Rurópolis, onde as aulas eram ministradas em um barracão de madeira feito pela comunidade, com turmas multisseriadas.

Em 1986 precisamente no dia 26 de outubro a referida escola recebe o seu primeiro prédio com duas salas de aula, uma secretaria, e uma cozinha. Com a emancipação do Município de Rurópolis em 1988, devido a sua localização geográfica, a escola passa a fazer parte de novo município e a chamar-se de Escola Estadual de 1º Grau Marechal Cândido Rondon. Em 1993, a mesma passou a se chamar de Escola Estadual Mec/Seduc-Km 70 e somente no ano de 2000, que a ela recebe o nome atual de Escola Municipal de Ensino Fundamental Divinópolis Km 70 em homenagem a Comunidade.

Desde sua inauguração, a escola passou a ser um ponto de referência atraindo para comunidade famílias interessadas na escolaridade dos filhos. Nesse processo há um considerável crescimento demográfico da comunidade em função da escola. Logo, em 2004, a escola ganha da prefeitura de Rurópolis um novo pavilhão com: duas salas de aula, sala de professores e uma nova secretaria, mudando assim a estrutura física e proporcionando mais conforto para seus alunos e funcionários.

Atualmente a escola funciona de 5º ao 9º ano do ensino fundamental e 3ª e 4ª da etapa da modalidade EJA, onde conta com 350 alunos distribuídos em três

turnos. A escola Divinópolis é administrada pelo pedagogo José Carlos Fonseca de Araújo, e vice-diretora a professora Chaulle Silva Lima e na coordenação pedagógica, o pedagogo Astrogildo Gomes Costa, e secretário o pedagogo Amós Ferreira Oliveira. Também conta com apoio de 16 professores todos graduados e alguns pós-graduados que compõe o quadro docente, e também faz parte do quadro de funcionários 4 vigias e 8 serventes.

A escola realiza não realiza projetos voltados ao pedagógico-culturais ou algum que trate do combate ao preconceito racial, mas realiza eventos em comemoração a Consciência Negra. Nesta data é bastante trabalhada a questão do combate ao preconceito e o racismo entro e fora do ambiente escolar, onde se procura envolver toda a comunidade escolar.

3.4 CONCEPÇÕES DA COMUNIDADE ESCOLAR ACERCA DAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA

As informações coletadas sobre as questões étnico-raciais na EMEF de Divinópolis, localizada no município de Rurópolis, foi de grande contribuição para conhecer as concepções de parte da comunidade escolar (professores, demais servidores e direção da Escola) sobre práticas discriminatórias e preconceituosas que possam estar ocorrendo no âmbito escolar e as possíveis ações para combatê-las.

Para iniciar a conversa, foi perguntado na 1ª questão aos entrevistados: **Existe preconceito racial na sociedade brasileira?** O gráfico 1 traz o resultado em que a maioria dos entrevistados (57%) disse que o preconceito racial existe e é discutido, enquanto que 29% afirmaram que existe, porém não declaradamente e ainda 14% ressaltou que, existe racismo em nossa sociedade, porém é ignorado.

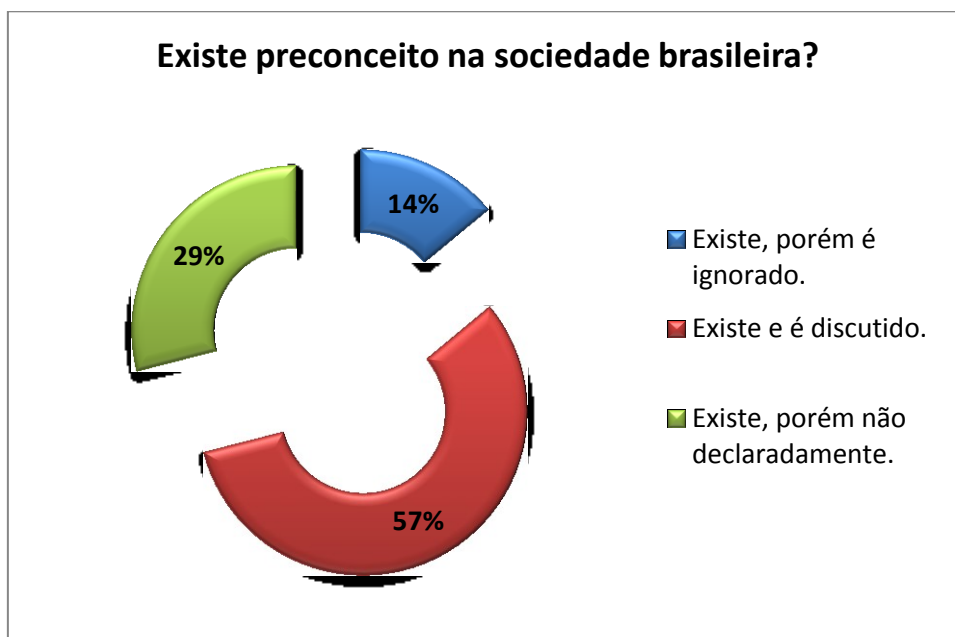


Gráfico 1. Existe preconceito na sociedade brasileira?
Fonte: Comunidade Escolar de Divinópolis (2017).

Nota-se, que a maioria disse que o preconceito existe e é discutido dentro da escola, uma vez que, ao ser trabalhado de forma correta para combater e erradicar, a instituição de ensino está formando cidadãos de respeito para com o próximo. Outros 29% disseram que existe, mas não viram nenhuma forma de trabalho educativo sendo feito dentro do ambiente escolar. Portanto, isso mostra que a escola ainda está desenvolvendo poucos trabalhos em relação a essa temática.

Entretanto a discriminação se faz presente a sujeitos de diversos grupos sociais, mesmo quando atingem um patamar econômico que lhes garanta condições econômicas acima da média da população. Vale a pena ressaltar que muitas pessoas brasileiras já sofreram e ainda sofre com o preconceito racial, ainda que não tenha culpa pelos traços que carregam, são mutuamente desclassificados e humilhados. (SILVA, 2015a: 50).

Com embasamento na fala da autora, é relevante dizer que o preconceito racial ainda é presente, independentemente da classe social a qual pertence o sujeito, o mesmo sempre será visto com maus olhos, com julgamento de suas ações ou comportamento. E acredita-se que, esses casos acontecem devido a toda trajetória histórica e cultural desenvolvida no Brasil, em que o negro era visto sem capacidade intelectual, que sabia fazer nada além do serviço pesado e braçal.

Sabe-se que a sociedade brasileira ainda é palco de muitos preconceitos e discriminação racial, e que por mais que tem leis que procuram amenizar essa situação, existem muitos que não aceitam a cultura ou raça do outro. Neste sentido,

foi perguntado aos entrevistados na 2ª questão: **Já sofreu algum tipo de preconceito racial?** O resultado pode ser observado no gráfico 2, em que 71% afirmaram que não sofreram preconceito, no entanto, 29% já passaram por situações constrangedoras e discriminatórias.

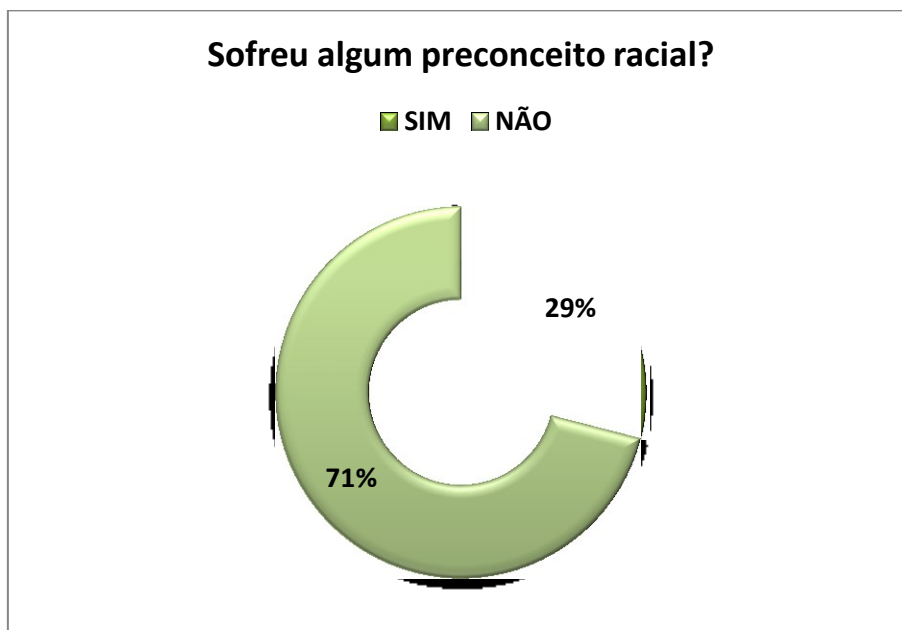


Gráfico 2. Sofreu algum preconceito racial?
Fonte: Comunidade Escolar de Divinópolis (2017).

Com base nas respostas dos entrevistados, observou-se que, por mais que o preconceito racial aconteça em pouca escala para os entrevistados, ele está presente, de forma sucinta. Em muitos casos, o preconceito vem sendo estimulado pela própria sociedade, uma vez que o ser humano aprende aquilo que lhes é ensinado, e as crianças são exemplo disso, quando desde pequenos eles escutam que negros são preguiçosos, não entendem nada, não tem futuro, esta mesma crescerá com esse pensamento preconceituoso e futuramente cometerá atos do mesmo tipo, em relação a esse fator. SILVA FILHO (2004: 101) destaca que é de fundamental importância o conhecimento das raízes do racismo e de como e porquê essas ideias conseguiram penetrar tão profundamente nas concepções dos cidadãos e nas culturas dos povos em todas as partes do mundo.

Pode-se observar que no dia a dia, o preconceito está presente, por mais que seja de forma escondida, com um simples olhar ou gesto, ele acontece e pode trazer danos as suas vítimas. Com base neste contexto, foi indagado aos entrevistados na questão 3: **Já presenciou alguma atitude racista?** Os resultados podem ser

acompanhados no gráfico 3, em que 71% dos entrevistados falam sobre ter presenciado atos racistas e preconceituosos por conta da cor da pele.

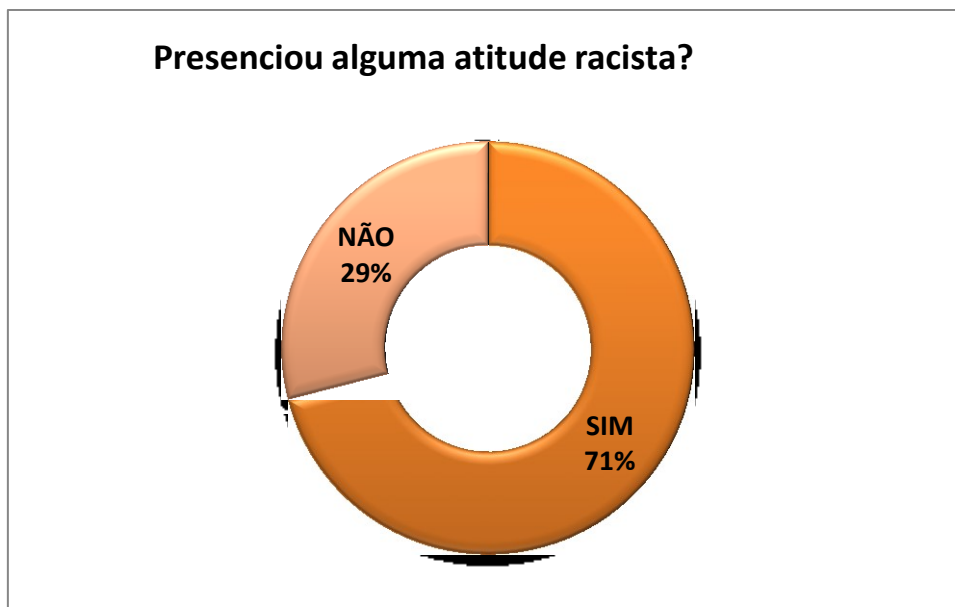


Gráfico 3. Presenciou alguma atitude racista?
Fonte: Comunidade Escolar de Divinópolis (2017).

Segundo os relatos dos entrevistados, a maioria já presenciou atitudes racistas, uma vez que esse ato é bastante comum no dia a dia, em que muitos levam apenas na brincadeira, ao ser chamado por um apelido ofensivo devido sua cor. No entanto, 29% dos entrevistados responderam que nunca viram nenhuma atitude suspeita de racismo para que viessem ofender e/ou agredir alguém com esse ato.

[...], o racismo ainda predomina em seus cotidianos, é de prática humilhar, ofender, sem preocupar-se com seu próximo, sem importar se estão magoando as pessoas e ele volta a perguntar qual será o grau da dor do racismo e do preconceito, a dor de ser discriminado, não aceito pelas pessoas, ser ignorados quase em todos os lugares que frequentam. (SILVA, 2015b:38).

Para a autora, o racismo ainda é bem frequente no dia a dia, pois muitos cidadãos têm atitudes bem desprezíveis como de ofender o próximo, humilhando e magoando o mesmo com palavras racistas. Portanto, acredita-se que a dor da discriminação é tão grande quanto a de uma ferida, ou até mais, pois as feridas saram facilmente com o tempo.

Vale a pena destacar que o agressor dificilmente volta atrás para pedir desculpa, e que ele geralmente tem uma posição e pensamento que não muda

frente à vítima, pois ele não consegue perceber que ofendeu. A vista disso foi questionado aos colaboradores da pesquisa na pergunta de número 4: **Você conhece pessoas racistas?** Os entrevistados foram unânimes em informar que possuem conhecimento de pessoas racistas, uma vez que o racismo ainda é predominante na sociedade, e, por mais que se combata ele ainda está enraizado na cultura do povo, que apesar de declararem que não praticam o racismo, que tratam todos iguais, as pesquisas mostram que ainda é frequente as atitudes racistas em todo lugar que se vá, acontece episódios racistas constantemente.

Neste sentido, o autor destaca que o racismo está em toda parte do planeta, ele não está restrito somente no Brasil, mas que em alguns países ele é mais comum e predominante. Além disso, o mesmo ainda destaca das consequências que essas atitudes podem trazer para suas vítimas, em que esse sofrimento não pode ser medido ou comparado assim normalmente, pois dependendo da gravidade, ele poderá fazer grandes estragos na vida de uma pessoa.

Em seguida, indagou-se na questão 5: **Em relação ao ambiente escolar, ocorre o preconceito e a discriminação racial?** O resultado da pesquisa pode ser acompanhado no gráfico 4, onde os entrevistados responderam sobre o preconceito e discriminação racial dentro do ambiente escolar.



Gráfico 4. Ocorre o preconceito e a discriminação racial nesta escola?
Fonte: Comunidade Escolar de Divinópolis (2017).

Sabe-se que a escola deveria ser um ambiente acolhedor e de igualdade entre os membros que a compõe, mas pode-se notar que de acordo com as respostas dos entrevistados, onde uma grande quantidade correspondendo (57%) disseram que acontecem práticas de preconceito e discriminação na escola onde trabalham, e que o preconceito e a discriminação ocorrem devido à raça/cor do aluno.

Contudo, outra parte correspondendo a 43%, relata que não percebem preconceito racial na escola. Isso se dá talvez por não terem observado melhor e com mais atenção o comportamento de ação das pessoas que frequentam a escola. é notório que o fator econômico ajuda o crescimento e permanência do preconceito e racismo dentro e fora do ambiente escolar, uma vez que as pessoas se importam muito com a aparência do outro, a forma que se veste. Devido esse fator e também a questão da cor de pele, muitos são humilhados diariamente e sem que alguém perceba ou repreenda e tome uma atitude para erradicar esse episódio reprovável.

Continuando a entrevista com os professores, demais servidores e direção da Escola de Divinópolis solicitou-se na questão 6, que **citasse alguma prática considerada racista, que ocorreu ou ocorre no cotidiano da escola**. O relato dos entrevistados estão descritos no Quadro 1.

Entrevistados	Relato dos entrevistados
E ₁	<i>“Não tenho observado fatos que caracterizam discriminação racial, mas há outros tipos de preconceitos”.</i>
E ₂	<i>“Chama os colegas de tição devido sua cor escura, preto, codó, preto não sabe de nada, negro é burro”.</i>
E ₃	<i>“Ainda não foi observada nenhuma prática racista no ambiente de trabalho que frequento”.</i>
E ₄	<i>“Alguns praticando bullying”.</i>
E ₅	*****
E ₆	<i>Vejo os alunos dizendo: “Ei tição vem aqui; ele é preto não sabe de nada; ó loira burra; ó jumento preto; nego quando não barrela na entrada, mas coisa na saída”.</i>
E ₇	<i>“Devido eu ter meus cabelos pequenos, eles me chamam de cabelinho, e dizia que eu tinha a cabeça muito pequena e chamava de cabeça de coco”.</i>

Quadro 1. Algumas práticas consideradas racistas na escola.

Fonte: Comunidade Escolar de Divinópolis (2017).

Diante das respostas dos entrevistados, observou-se que a maioria respondeu que algumas práticas que consideram racistas foram de apelidos entre os alunos, e também práticas de *bullying* dentro da escola. Neste caso, as práticas racistas acontecem mais devido a aparência e traços culturais da pessoa, como a

cor da pele, o formato da boca, o tipo de cabelo entre outros fatores que levam ao motivo de tantas chacotas e xingamentos e que em muitos casos, a escola não toma nenhuma atitude.

A cor da pele, o nariz grosso, a boca carnuda e o cabelo crespo não são marcas comparativas ou referenciais para formulações de padrões de beleza/fealdade ou de superioridade/inferioridade em relação ao outro, mas identificação estética e demarcadora das diferenças fenotípica da espécie humana. (SILVA FILHO, 2004:109).

Em relação à aparência dos indivíduos, o autor relata que não se pode ter um padrão de beleza exposto por alguns, uma vez que somos de uma origem diversificada e com uma gama de variedade de traços culturais. Portanto, não é possível que em pleno século XXI, ainda existam pessoas que acredita que um cabelo é mais valioso que o outro, ou que a cor diz o caráter de alguém. E cabe à escola combater essas práticas que ocorrem no seu cotidiano.

Sabe-se que o racismo e o preconceito estão presentes e pouco tem sido feito para eliminar esse caso, diante disso, também se perguntou para os entrevistados na questão 7: **Qual tem sido a sua atitude frente ao racismo na escola?** O quadro 2 traz as falas dos entrevistados, em que fica claro, que a escola trabalha nesse combate à práticas preconceituosas e racistas, mesmo que indiretamente.

Entrevistados	Relato dos entrevistados
E ₁	<i>“Não tem ocorrido fato, mas se ocorrer estará pronto a combater, pois estarei sempre contribuindo para uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária”.</i>
E ₂	<i>“São várias práticas de racismo, as quais vêm devido às cores negras, tipo de cabelo, outra questão é a relação dos gays”.</i>
E ₃	<i>“Até o momento, nada se fez para inibir esse ato”.</i>
E ₄	<i>“Nenhuma providência tomada”.</i>
E ₅	*****
E ₆	<i>“Procuro amenizar a situação, explicando aos alunos que devem sempre, respeitar os seus colegas, pois a cor ou diferença física não tem significado nenhum no aspecto moral do indivíduo”.</i>
E ₇	<i>“A minha atitude era assim tinha momento que eu ficaria triste por não saber agir mais com o tempo eu aprendi agir”.</i>

Quadro 2. Sua atitude perante o racismo.

Fonte: Comunidade Escolar de Divinópolis (2017).

Segundo os relatos dos entrevistados, nota-se que alguns falam que procuram amenizar as causas do racismo na escola, outros falam que a escola não

tomou nenhuma providência, que nada fez no momento para inibir esse ato. Isso mostra que a escola em si precisa tomar alguma atitude antes que algo de mais grave aconteça, pois se sabe que o racismo e o preconceito contra pessoas pode gerar a violência dentro da escola. Mas para que isso não venha aumentar mais, e sim erradicar esses tipos de agressões, muitas escolas já procuram trabalhar de forma diferenciada, onde todos lutam por um só objetivo e conquista.

Dando continuidade a entrevista, na questão 8 fez-se a seguinte pergunta para os entrevistados: **Em sua opinião, que fatores contribui para a existência de um número reduzido de negros nas universidades em algumas áreas técnicas, científicas e administrativas?** As respostas dos colaboradores dessa entrevista chama a atenção pelo fato de que todos foram unânimes em afirmar que, o pouco ingresso de negros nas universidades em cursos das áreas de Saúde, das Exatas e de Gestão ocorre porque as pessoas negras não tem vontade e falta dedicação.

Muito nos admira esse tipo de concepção dos membros da comunidade escolar, uma vez que somos sabedores que as condições socioeconômicas ainda influenciam bastante no ingresso aos cursos superiores, dito da elite. Devido esses fatores, até nos dias atuais, os negros e seus descendentes se sentem excluídos do meio social e socioeconômico, onde pode ser observado que para conseguir seus objetivos, os mesmos precisam se reunir e lutar, e somente através do poder público que o mesmo alcança tais conquistas, como por exemplo, as cotas das universidades.

Dando continuidade na entrevista, indicou-se para os entrevistados a opção de assinar a alternativa que corresponde à realidade do seu ambiente escolar. Dentro deste questionamento, indagou-se na questão 9: **“A trajetória histórica do negro é estudada...”**. Conforme as respostas, observou-se no gráfico 5 que a maioria dos entrevistados (57%) declarou que a história do negro é trabalhada somente no dia da abolição da Escravatura, em agosto, mês do folclore, e no Dia da Consciência Negra.

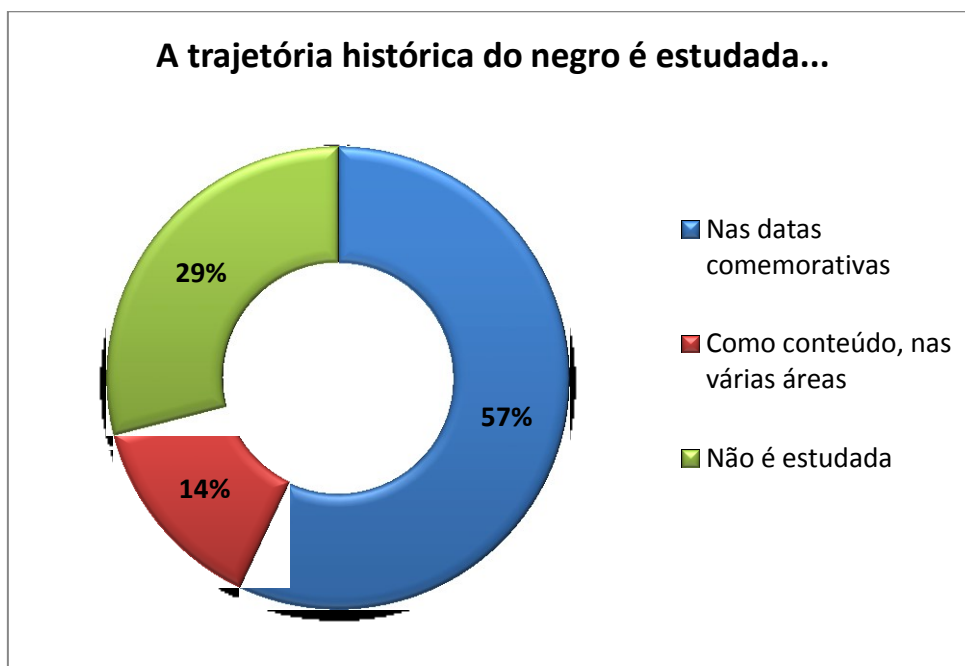


Gráfico 5. Quando é estudada a história do negro na escola?
Fonte: Comunidade Escolar de Divinópolis (2017).

Desse modo, de acordo com os dados expostos acima, a trajetória histórica da nação negra somente é lembrada quando das comemorações cívicas, comemorativas ou religiosas. A escola não dá tanta importância à essa cultura tão rica em costumes e belezas culturais e de grande diversidade. Talvez, por isso, não conseguem combater e nem diminuir as práticas de preconceitos raciais na escola pesquisada.

Consequentemente, outros 14% relatam que trabalha só quando possível, adequando em alguma disciplina ou área temática. Volta-se a dizer que o tema do racismo e a história da diversidade cultural afrodescendente não estão ganhando a importância que deveria. Entretanto, um número considerável de 29% diz que não se trabalha na escola essa temática. A vista disso se percebe um total descaso com a aprendizagem do aluno que não toma conhecimento da cultura negra e, consequentemente, não poderá desenvolver respeito pela história dos negros.

Neste sentido, a escola deve procurar métodos que venham trabalhar essa cultura, uma vez que ela faz parte da história do povo brasileiro, para que desde cedo, os cidadãos saibam respeitar os negros e seus descendentes. Uma cultura é conhecida e respeitada quando é estudada. Portanto, SILVA (2015a:59) afirma que:

A escola deve estar à frente deste trabalho de resgate de valorização. Deve estar alerta para as representações negras no livro didático, pois é aí que acontece a construção do alicerce de uma sociedade nova, justa e igualitária onde o afrodescendente tenha garantido o seu papel de cidadão livre no território brasileiro.

Nesta perspectiva, a autora descreve que para haver uma sociedade igualitária, é necessário que a escola desenvolva seu papel em prol da valorização da cultura dos afrodescendentes, para que ela se desenvolva sem preconceito e discriminação. Deve acontecer de forma gradativa com respeito, pois os indivíduos devem e tem que se sentir igual aos demais, não se subestimando e nem menosprezando o seu próximo.

Dando seguimento a entrevista, perguntou-se na questão 10: **“Acredita-se que, para fortalecer o relacionamento, a aceitação da diversidade étnica e o respeito, a escola deve...”**. Para 71% dos entrevistados, a escola deve promover um maior conhecimento sobre as heranças culturais brasileiras, uma vez que ele faz parte da vida de todos. Cada um tem um pouco dessa cultura, seja na fala, nos gestos, nas vestimentas ou na cor de sua pele, pois os brasileiros compõem a mistura de todas as culturas de povos migrantes de outros países e regiões, conforme gráfico 6.

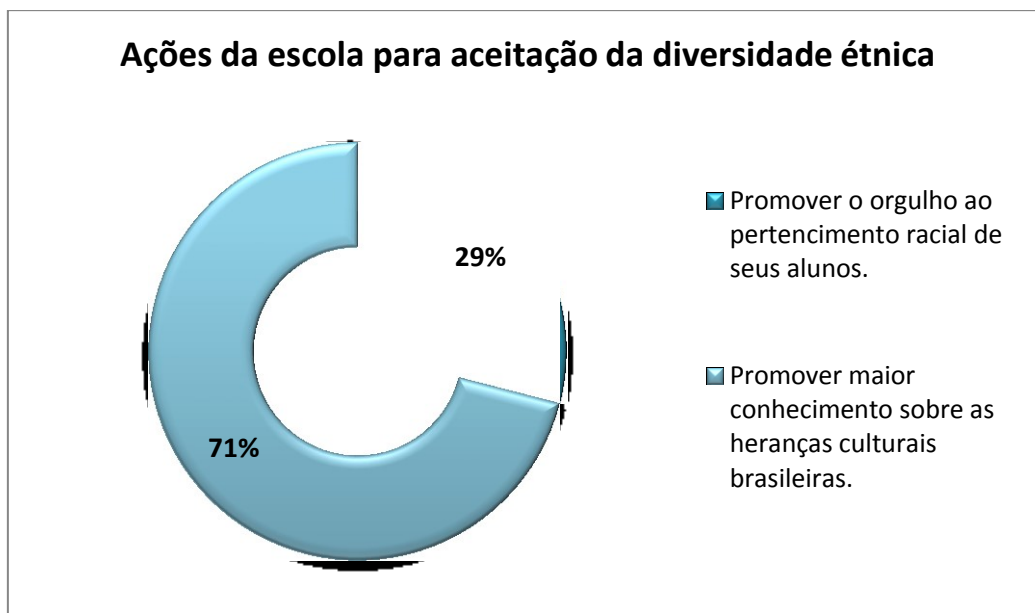


Gráfico 6. Ações da escola para aceitação da diversidade étnica.
 Fonte: Comunidade Escolar de Divinópolis (2017).

Outro fator importante que vale ser lembrado é que a escola deve promover o orgulho ao pertencimento racial de seus alunos. Fato esse indicado por 29% dos

membros da comunidade escolar, pois, em muitos casos, há alunos que tem vergonha de sua cor, formato do cabelo ou boca, e isso deve ser trabalhado, para que eles não sintam vergonha de si mesmo, pois eles pertencem a um povo rico em tradições e cultura. Neste sentido, SILVA FILHO (2004: 21) diz que a escola deve fazer uma

análise historiográfica da trajetória do negro africano na História e na sociedade brasileira, buscando mostrar como essa história foi construída e ideologicamente transplantada para o livro didático, para a cabeça do professor, para a sala de aula e para uma visão de mundo, preponderante entre a elite dominante daquela época, ainda presente hoje em parte da nossa população.

Seguindo a ótica do autor, é necessário que se faça uma análise da trajetória dos negros no Brasil, uma vez que nos livros didáticos e se encontra até nos dias atuais só relatam o tempo de escravidão e desprezo por esse povo, mostrando ainda a inferioridade dessa cultura. Com isso, os alunos que ainda não as conhecem ou ouviram falar dessa cultura terão a mesma visão que dos antepassados, pois, ainda demonstram em muitos desses exemplares didáticos que o negro é um ser inferior ao branco.

Finalizando o questionário com os entrevistados, foi perguntado na questão 11, **quanto ao trabalho escolar, como se desenvolve nessa temática**, e os entrevistados possuem a mesma visão da prática docente, em que todos têm a prática de tratar da questão racial em determinadas etapas do ano letivo. Isso mostra que por mais que a escola não venha desenvolvendo um projeto direcionado à erradicação do racismo e discriminação racial, os docentes estão, mesmo que em períodos determinados, trabalhando esta questão. Não existe um trabalho coletivo sobre a questão racial com a participação de todos, inclusive da direção e dos funcionários.

No entanto era necessário que a escola tivesse um projeto onde todos seus membros participassem, desde o aluno, professores e demais membros da comunidade escolar, para que só assim, pudesse achar a raiz do problema, de descobrir o porquê de tanto atos discriminatórios que fazem pessoas sofrer, se magoar e até mesmo, pode ocorrer violência entre os membros do episódio, fazendo com que ocorra até mesmo desistência destes mesmos, devido a esse fator.

Com isso, a escola vai perdendo sua credibilidade, e sendo cada vez mais mal vista pela sociedade e/ou comunidade escolar. Portanto, é necessário que a mesma tome providências cabíveis, seja no desenvolvimento de ações e projetos que venham a inibir esses atos e melhorar a convivência dentro e fora do ambiente escolar, fazendo com que esse povo, essa cultura seja respeitada assim como as demais, trazendo-lhes os mesmos direitos e deveres como cidadãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil a formação etnico-cultural e a diversidade brasileira é bastante presente, uma vez que os brasileiros são descendentes de indígenas desde a colonização europeia. Devido esta mistura de raças, com a chegada de imigrantes no país, como os negros africanos, a diversidade de raças e etnias no Brasil aumentou. Desse modo, a partir dessa grande expansão de imigrantes por todo o território brasileiro surgiram-se as variedades de costumes, crenças e cultura em geral.

Este Trabalho de Conclusão de Curso permitiu compreender e diferenciar os termos como racismo, preconceito e/ou discriminação étnico-racial. No Brasil ainda se encontra em toda parte práticas preconceituosas e racistas, e no âmbito escolar não é diferente, o mesmo está a cada dia se manifestando e trazendo muitos danos emocionais e até mesmo físicos em alunos e comunidade escolar. Portanto, o racismo ainda se predomina mais na cor da pele, nas características das pessoas, ou seja, na fisionomia afro, algo que lembra um negro.

Nesse sentido, para erradicar esses atos provocativos no âmbito escolar, é necessário que se divulgue e trabalhe desde a educação infantil com as crianças, para que ao se tornarem adultas não serem tão medíocres como os demais já existentes e também tratando os mesmos por igual sem negar e/ou constranger alguém por sua cor.

A partir das análises das entrevistas aplicadas, pode-se notar que ocorrem práticas preconceituosas e discriminatórias no interior das escolas, por mais que o preconceito racial aconteça em pouca escala para os entrevistados, ele está presente, de forma sucinta. Sabe-se que a escola deveria ser um ambiente acolhedor e de igualdade entre os membros que a compõe, e que o preconceito e a discriminação ocorrem devido à raça/cor do aluno, devido à aparência e traços culturais da pessoa, o formato da boca, o tipo de cabelo, entre outros fatores que levam ao motivo de tantas chacotas e xingamentos, desenvolvendo-se assim práticas de *bullying* dentro da escola e que em muitos casos, a escola não toma nenhuma atitude.

Em relação ao currículo desenvolvido nas escolas que aborde as questões étnico-raciais, segundo o resultado da pesquisa, observa-se que a trajetória histórica da nação negra somente é lembrada quando das comemorações cívicas,

comemorativas ou religiosas. A escola não dá tanta importância a essa cultura tão rica em costumes e belezas culturais e de grande diversidade, sendo assim, o tema do racismo e a história da diversidade cultural afrodescendente não estão ganhando a importância que deveria e isso prejudica a aprendizagem do aluno que não toma conhecimento da cultura negra e, conseqüentemente, não poderá desenvolver respeito pela história dos negros e seus descendentes.

Quanto ao trabalho escolar, como se desenvolve nessa temática, os entrevistados possuem a mesma visão da prática docente, em que todos têm a prática de tratar da questão racial em determinadas etapas do ano letivo. Não existe um trabalho coletivo sobre a questão racial com a participação de todos, inclusive da direção e dos funcionários. Com isso, a escola vai perdendo sua credibilidade, e sendo cada vez mais mal vista pela sociedade e/ou comunidade escolar. No entanto era necessário que a escola tivesse um projeto onde todos participassem, para que só assim, pudesse achar a raiz do problema, de descobrir o porquê de tanto atos discriminatórios para inibir esses atos e melhorar a convivência dentro e fora do ambiente escolar.

Já os professores e demais servidores da escola tem se mostrado uma postura peculiar frente a atitudes de racismo, pois descreveram que em sua maioria já presenciaram atitudes racistas, uma vez que esse ato é bastante comum no dia a dia, em que muitos levam apenas na brincadeira, ao ser chamado por um apelido ofensivo devido sua cor. No entanto, outros responderam que nunca viram nenhuma atitude suspeita de racismo para que viessem ofender e/ou agredir alguém com esse ato. Enfim, sabe-se que é necessário que se lute todos os dias para combater esse mal, pois ele é presente e se não for tomado nenhuma atitude a respeito só tende a crescer.

BIBLIOGRAFIA

BECHARA, Evanildo C.(org.). **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras: Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. SECADI. Secretaria de Educação Profissional e Tecnologia. CNE/CNEB. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014.

BRASIL-ESCOLA, Geografia do Brasil. **Imigrante no Brasil**. Web, 2016. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/brasil/imigracao-no-brasil.htm>>. Acesso em: 07 de novembro de 2016.

Coelho, Wilma de Nazaré Baía. **A questão racial na escola: um estudo sobre as representações dos agentes da escola sobre os conteúdos etnicoculturais** / Wilma de Nazaré Baía Coelho. – Belém: Unama, 2010.

CICONELLO, Alexandre. **O desafio de eliminar o racismo no Brasil: a nova institucionalidade no combate à desigualdade racial**. SP, 2008.

ENCICLOPÉDIA LIVRE. **Histórico de edições de "Imigração no Brasil"**. Web, 2016. Disponível em: :<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Imigra%C3%A7%C3%A3o_no_Brasil>. Acesso em: 05 de novembro de 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, 2001.

LOPES, Nei. **História e cultura africana e afro-brasileira**. - São Paulo: Balsa Planeta, 2008.- Biblioteca Balsa. Acesso: 10/03/2017.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, SECADI. LACED/Museu Nacional, 2006.

MATTOS, Geraldo. **Dicionário Júnior da Língua Portuguesa**. 4. ed. – São Paulo: FTD, 2011.

NICODEMOS, Alessandra; OLIVEIRAS, Pablo das. Conhecimento ou ação: por onde principia? Educação e relações étnico-raciais no cotidiano escolar. In: PEREIRA, Amílcar Araújo (org.) **Educação das relações étnico-raciais no Brasil: trabalhando com histórias e culturas africanas e afro-brasileiras nas salas de aula**. Brasília: Fundação Vale, 2014.

NUNES, ANTÔNIO OZÓRIO. **Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores**. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, João Pacheco de e FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A Presença Indígena na Formação do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

PEREIRA, Amilcar Araújo. **Educação das relações étnico-raciais no Brasil: trabalhando com histórias e culturas africanas e afro-brasileiras nas salas de aula**. Brasília: Fundação Vale, 2014.

PEREIRA, Amilcar Araújo. **Histórias do negro no Brasil**. In: PEREIRA, Amilcar Araújo (org.) **Educação das relações étnico-raciais no Brasil: trabalhando com histórias e culturas africanas e afro-brasileiras nas salas de aula**. Brasília: Fundação Vale, 2014.

SANTIAGO, Pedro; CERQUEIRA Célia e PONTES Maria Aparecida. **Por dentro da história**. 1. Ed.- São Paulo: Edições Escala Educacional S/A, 2010. (Coleção Por dentro da história).

SILVA FILHO, José Barbosa da. **Questão do Negro no Curso de Formação em Serviço Social da Universidade Federal Fluminense**. Niterói, RJ, 2004. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br>. Acesso: 26/02/2017.

SILVA, Joana Mendes de. **Racismo no ambiente escolar: Estudo de caso na Escola Municipal Integração Nacional - Itaituba**: CLPP da FAI, 2015a.

SILVA, Martha Martins Pinheiro. **Violência escolar na EJA: Olhares de professores e alunos de uma escola do Município de Itaituba/PA** – Itaituba: CLPP da FAI, 2015b.

SILVA, Silvio José Albuquerque e. **Combate ao racismo**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br>. Acessado: 09/03/2017.

SOUZA, Mônica Lima e. **História da África**. In: PEREIRA, Vanina Margarida Tomar Borges. **A herança da arquitetura africana nas comunidades quilombolas: afro-descendentes, africanos e sua bibliografia**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

VETILLO, Eduardo. **Palmares, a luta pela liberdade**. São Paulo: Cortez, 2009.

APÊNDICE - QUESTIONÁRIO A SER APLICADO À COMUNIDADE ESCOLAR

Prezado (a) colaborador (a), contamos com a sua participação nesta pesquisa que tem como objetivo realizar um estudo (monografia de graduação) para conhecer concepções e atitudes frente ao racismo na escola.

Identificação:

Colaborador: () Professor () Demais servidores

Nível de Formação: _____

Tempo de trabalho nesta escola: _____ anos.

1. Em relação ao preconceito racial NA SOCIEDADE BRASILEIRA:

☐ Existe, porém é ignorado. ☐ Existe, porém não declaradamente.

☒ () Existe e é discutido. ☐ () Não existe.

2. Já sofreu algum tipo de preconceito racial? () Sim () Não

3. Já presenciou alguma atitude racista?↑ () Sim () Não

4. Você conhece pessoas racistas? () Sim () Não

5. Em relação ao ambiente escolar, ocorre o preconceito e a discriminação racial?

() Sim () Não

Justifiez.

6. Cite alguma prática, que você considera como racista, que ocorreu ou ocorre no cotidiano da escola.

7. Qual tem sido a sua atitude frente ao racismo na escola?

8. Em sua opinião, que fatores contribuem para a existência de um número reduzido de negros nas universidades e em algumas áreas técnicas, científicas e administrativas?

() Falta oportunidade; () Falta de vontade e dedicação;

↑ () Dificuldade de acesso à educação:

Outros:

ASSINALE A ALTERNATIVA QUE CORRESPONDE À REALIDADE DO SEU AMBIENTE ESCOLAR:

9- A trajetória histórica do negro é estudada:

- ☐ No Dia da Abolição da Escravatura, em agosto, mês do folclore, e no Dia da Consciência Negra.
- ☐ Como conteúdo, nas várias áreas que possibilitam tratar o assunto.
- ☐ Não é estudada.

10 - Acredita-se que, para fortalecer o relacionamento, a aceitação da diversidade étnica e o respeito, a escola deve:

- ☐ Promover o orgulho ao pertencimento racial de seus alunos.
- ☐ Procurar não dar atenção para as visões estereotipadas sobre o negro nos livros, nas produções e nos textos do material didático.
- ☐ Promover maior conhecimento sobre as heranças culturais brasileiras.

11 - Quanto ao trabalho escolar:

- ☐ Alguns professores falam da questão racial em determinadas etapas do ano letivo.
- ☐ Existe resistência dos professores para tratar a questão racial com relação à luta contra todas as formas de injustiça social.
- ☐ Existe um trabalho coletivo sobre a questão racial com a participação de todos, inclusive da direção e dos funcionários.

Agradecemos a colaboração na pesquisa!